

RelevO

julho/2020, n. 13, a.10

- Periódico literário independente
- feito em Curitiba-PR desde set/2010
- ISSN 2525-2704



Assine/Anuncie: O **RelevO** não aceita dinheiro público e se mantém com o apoio de assinantes e anunciantes. Você pode receber o jornal em casa e divulgar sua marca, projeto cultural ou seita de caráter duvidoso aqui mesmo! Saiba mais em jornalrelevo.com/assine e jornalrelevo.com/anuncie ou fale conosco no contato@jornalrelevo.com.

Publique: O **RelevO** recebe textos de todos os gêneros, de trechos de romances sobre domos invisíveis a artigos de escritores que gostam, sobretudo, de si mesmos. O **RelevO** recebe ilustrações. O **RelevO** recebe fotografias. O **RelevO** aceita ensaios acadêmicos. Também cartuns, HQs, receitas, bulas, resenhas e ameaças. Saiba mais em jornalrelevo.com/publique ou pelo contato@jornalrelevo.com.

Newsletter: Bowie, assassinatos, Renascimento e animais pitorescos: nossa newsletter se chama Enclave e vai muito além da literatura. Comprove e assine (de graça) em jornalrelevo.com/enclave.

As ilustrações desta edição são de autoria de Beatriz Cajé. Você pode conferir mais do trabalho dela em www.behance.net/beatrizcajd5ed.

Julho/2020

Editor: Daniel Zanella
Editor-assistente: Mateus Ribeirete
Ombudsman: Morgana Rech
Revisão: Ramiro Canetta
Projeto gráfico: André
Infografia: Bolívar Escobar
Advogado: Bruno Meirinho
OAB/PR 48.641
Impressão: Gráfica Exceuni
Tiragem: 3.000

Edição finalizada em 26 de Junho de 2020

Dos custos da vida

(+) RECEITA BRUTA

ASSINANTES:
R\$ 47 Jordana Peixoto; Edson Carvalho Alencar; Gustavo Piqueira; Talita Freire; R\$ R\$ 55
Vinicius Medeiros; Guilherme Foscolo; R\$ 60
Tays Ohana; Máisa M P Andrade; Márcio Abecê; Guímel Azevedo; Camille Correia Borges Soares; Evelyn de Jesus Jeronimo; José Carlos Fernandes; Rafael Gonçalves Gobbo; Igor Moroski; Linaldo Guedes; Felipe Aníbal; Rudney Valentim;
Marcos Arão Rocha; Marcelo Alcaraz; Kamila Oliveira; Rafael Fernandes; Maria Fernanda Elias Maglio; Laz Camargo; Jeferson Nunes; Anderson Bernardes; Lucas Silos; Cíntia Lucas; Ricardo Rodrigues; Rodrigo Ungaretti Tavares; Francisco Soares; João Pedro Teles; Otavio Linhares; Eliss de Castro; Leo Almeida Filho; Vinícius Vianna; Cleber Falquete; Marcos Franceschi; Giovana Proença; Sissa Stecanella; Breno Castro; Maria Botelho; Fabiano Faga Pacheco; Eduarda Vaz; Daniella Fernandes; Taís Franciscan; Bruna Moreira Campos; Osny Tavares; Valter Zotto; Fernanda Celuppi; Rômulo Candal; Camilla Canuto; Diego Silveira; Jordana Machado; Iuri De Sá; Ademir Demarchi; Renner Gustavo da Silva Souza; R\$ 75 Diego Franco Gonçalves; R\$ 100 Natalia Penteado; Elieder Corrêa da Silva; Sandra Stroparo; Daniel Babalin; Eduardo Kutianski; Lívio Meireles Capeleto; Guilherme Penteado; R\$ 105 André Vieira; Leandro Pereira de Lima; Lindevania Martins; R\$ 120 Rodrigo Domit; Rafael Ottati; R\$ 150 José Pérciles; R\$ 200 Alexandre Guarnieri
TOTAL: R\$ 5.038

ANUNCIANTES:
R\$ 400 Allejo; R\$ 200 William Soares; R\$ 150 Whisner Fraga; R\$ 140 Editora Ipêamarelo; R\$ 100 Rodrigo Domit; José Vecchi; Editora Penalux; Flávio Sanso; Livraria Gato Preto; R\$ 50 André Felipe Fernandes
TOTAL: R\$ 1.440

(-) CUSTOS FIXOS
Gráfica: R\$ 883
Escritório: R\$ 230
Entregadora: R\$ 60
Capista: R\$ 60
Embaladora: R\$ 60
Editor-assistente: R\$ 100
Serviços editoriais: R\$ 100
Mídias sociais: R\$ 380
Diagramação: R\$ 100
Infografia: R\$ 100

(-) DESPESAS VARIÁVEIS
Transporte: R\$ 450
Embalagem: R\$ 120
Correios: R\$ 1.686
Empréstimo 1/3: R\$ 1.000

(-) DESPESAS ADMINISTRATIVAS
Domínio mensal: R\$ 25

(+) Entradas totais: R\$ 6.478
(-) Saídas totais: R\$ 6.460

(=) Resultado operacional: R\$ 18

Conselho Editorial

Alexandre Guarnieri
Ben-Hur Demeneck
Bruno Meirinho
Carla Dias
Celso Martini
Cezar Tridapalli
Enilda Pacheco
Felipe Harmata
Gisele Barão
Jacqueline Carteri
Osny Tavares
Whisner Fraga

Dos leitores

RESENHA, INSULTOS

Felipe Simon Oi, Daniel. Conforme falamos, estou enviando a resenha que fiz pro livro do xxxxx. Sinta-se à vontade para sugerir alterações e até para me dizer, se for o caso, que sou apenas um amigo impressionado. Grande abraço.

Da redação Tudo bem, Felipe? Aqui é o Daniel Zanella. Como você me deu carta branca pra dar um retorno minucioso, vou em frente. Infelizmente, o seu material tem problemas dos mais recorrentes no gênero resenha. Vamos lá:

1. Nada me convence de que esse livro de um ótimo autor merece ser lido. Eu lerei-o certamente por conhecer a obra do autor, ou seja, a resenha se torna mais um check-in editorial do que uma revelação.
2. Por mais que o formato notas me agrade, não consigo enxergar um conceito que forme um todo coerente, o que transforma o material em algo além de um bloco de notas. Ensaio eu gosto muito, mas não tem fôlego.
3. Não temos textos, trechos de textos, grandes trechos de textos do livro. Como saber se o que você diz tem chance de verdade se mal vejo o que o autor escreve? Cadê um estatuto?

4. O adjetivo pelo adjetivo, mais como exercício de mostrar que vale a pena do que pelo potencial de sentido.

5. O material não tem título ou uma gravata. O que é o que você chama de mágica? De experiência? De ritmo? De intrepidez? Se damos nomes, precisamos dar corpo. Se damos corpo, precisamos dar uma paisagem. Se damos essas cores, aí tentamos traduzir o grande animal irritado. Senão, o texto fica muito disperso e meramente publicável em pequenos cantinhos onde autor e resenhista se contentarão por um dia quando verem impresso ou na internet. Nós queremos publicar o Ensaio, o Texto Sobre. Por isso quase nunca publicamos. O resenhista padrão parece que não quer ter estilo.

Tirando isso, se o texto encorpar, se ele tiver uma chave de leitura, mais fôlego, mais maturação de ideias, aprofundar o bom item 10 e, sobretudo, oferecer uma metodologia que ligue os pontos e afaste o material do impressionismo, podemos ver de publicar sim. Quem escreve sobre livros disciplina o amor para quem já gosta ou pode gostar de livros. Espero não tê-lo aborrecido. Abraços, Daniel Zanella.

Felipe Simon Sem problemas. Não sou resenhista, na verdade. Sou poeta. O xxxxx fez um decálogo sobre o meu livro no xxxxx, e fiquei com vontade de retribuir. A minha escrita, porém, foi intuitiva, como costuma ser, por isso não senti a necessidade de detalhar o significado de mágica ou intrepidez. Aliás, quem me sugeriu o **RelevO** foi o próprio xxxxx. Para mim, publicar em minha página do Facebook já estava de bom tamanho e isso já me fez feliz. Não pensei que o critério de seleção de textos fosse tão rigoroso. Espero que teu jornal encontre leitores à altura. E obrigado pela atenção.

[16 horas depois] **Felipe Simon** Ah, faltou dizer o seguinte: não te dei carta branca pra ser pau no cu. Quem fica masturbando o ego dos amiguinhos escritores pelo jeito é tu. Infelizmente, meu preconceito contra os curitibanos, em face do qual eu me penalizava, não deixa de ter um fundo de verdade. Vivem no seu castelinho fechado onde só entra quem eles consideram digno de respirar o mesmo ar. Por mim tu pode ir pro inferno com esse teu jornal de bosta.

LATITUDES, A NOVA NEWSLETTER

Eduard Traste Buenas, amigos, como estamos? Honestamente? Acredito que deveriam concentrar vossas energias em projetos mais interessantes. Não querendo desmerecer a iniciativa de vocês, mas é puro mais do mesmo. Digo, dei uma rápida olhada no site que normalmente visito para checar novos concursos e pude perceber que a maioria dos concursos, se não todos, já estão anunciados no site. E esse aí é só mais um, entre tantos... Mais valeria, por exemplo, auxiliar um projeto destes que está na estrada há um longo tempo, inclusive, precisando de todo tipo de apoio. No mais, pensando aqui com a minha cerveja metade cheia, sabe o que seria interessante?, numa dessas, quem sabe adubo para uma matéria do **RelevO**: escrever sobre estes tantos concursos que não se importam o mínimo com os escritores. Há diversos, no momento, inclusive, exigindo envio pelos correios. Em plena pandemia, pode? Pura falta de respeito e consideração. Outra coisa, isso é algo que me incomoda há muito, esse lance de “material estritamente inédito”. O que estes infelizes têm na cabeça? O que esperam? Que o escritor guarde todo seu material pensando na mudança de vida que vai ter se ganhar um belo concurso? Me poupem, e poupem os que precisam fazer muito com quase nada em mãos. Poupem os que não tem os contatos. Poupem os que precisam abrir suas trilhas com unhas e dentes. Os poupem, ou, no mínimo, os respeitem.

FICA PRA PRÓXIMA

Sheila Kamoda Oi. Boa noite. Realmente muito lindo o trabalho de vocês, mas não me interessei pelos temas abordados. Agradeço a atenção.

JAB

Diana Jouvovski Tomara que esse mês o jornal chegue aqui, o de maio ainda não chegou.

Bruna Campos Eu acho que vocês me odeiam, o meu jornal nunca chegou.

CANCELAMENTO

Ludi Evelin Sou assinante do Jornal. Gostaria de cancelar a minha assinatura. Não solicito reembolso; apenas que não enviem mais os exemplares mensais do periódico para o meu endereço. Pode sortear a minha assinatura gratuitamente ou doar para uma biblioteca comunitária. O jornal chega sempre sem atraso e o conteúdo é um dos mais incríveis que já tive a oportunidade de ler na vida. O trabalho que vocês fazem é único, sem sombra de dúvidas. O problema está em mim e na minha dificuldade em assimilar qualquer palavra que sugira um átomo de esperança. Eu prefiro que a esperança seja melhor aproveitada a quem acredita nela. Palavras sempre me trouxeram esperança, sempre fortaleceram a minha fé. Mas não nesse tempo de pandemia.

ENCLAVE

Oswaldo Neto Existe um filme de horror de 1945 dos estúdios RKO inspirado, justamente, nessa bela e intrigante pintura: A ILHA DOS

MORTOS (*Isle of the Dead*) com produção do grande Val Lewton (*Sangue de Pantera*), direção de Mark Robson e estrelado pelo inesquecível Boris Karloff.Vale a pena conhecer.

Joseani Netto Bom dia, Jornal! Saudade enorme de me comunicar com vocês. Que bom que estão aí na luta por um conteúdo de qualidade que nos leva a outro nível de linguagem. Estou em falta com vocês por não ter renovado minha assinatura, mas ainda renovarei. Tenho fome de **RelevO**, não posso mais ficar nessa dieta. Aguarde-me... Um forte abraço a todos.

Deia Leal Tudo bem com vocês? Gostei muito do **RelevO**! Lembrei-me do *Jornal Aldrava Cultural*. Bom tempo! 20 anos da lida literária! Terei prazer em ler o jornal literário de vocês. Parabéns por divulgar a literatura e à arte!

Maria Maria Gomes Olá, povo! Recebi o jornal impresso, muito obrigada. Havia tempo não lia um material tão bacana, palatável e bastante lúcido! O toque de humor (bom ou mau) me chamou atenção, mas, como diz o próprio anúncio, a culpa é do revisor! Agora, "falando sério", como diria Chico, esse material chegou-me em boa hora.As matérias me agradaram muito porque sou uma pessoa da área de literatura e, também, Escrevedora de Coisas, logo tudo ligado à teoria literária me agarra pelas orelhas e pelas mãos feito bicho em carreira pelas quebradas da minha caatinga seridoense. Obrigadíssima!

André Nunes Leio a edição de junho, que traz um artigo (publicado originalmente em abril, num jornal suíço) sobre as festas à beira da morte de figuras como Cleópatra e Marco Antonio, além de Eva Braun, traçando um inusitado e sombrio panorama com as "festas corona", encontros clandestinos que têm sido realizados pelo mundo desde o início da pandemia. Já que não podemos nem poderemos realizar festas ou aglomerar pessoas tão cedo, que ao menos lembremos de seu significado na história humana.

Lorena Ribeiro O **RelevO** é um impresso mensal de literatura e existe desde 2010.A manutenção do jornal acontece por meio de apoios de assinaturas e anúncios. Eu comecei a assinar o jornal por indicação do escritor Evanilton Gonçalves, há dois meses. E tenho gostado das leituras. Quando assinei, estava em voga uma promoção com o preço de assinatura antigo: 50 reais por ano. O valor atual é 60 reais. Um investimento bem bacana, pra apoiar um projeto com conteúdos de qualidade. Se você escreve, pode enviar textos autorais para a publicação no impresso também.

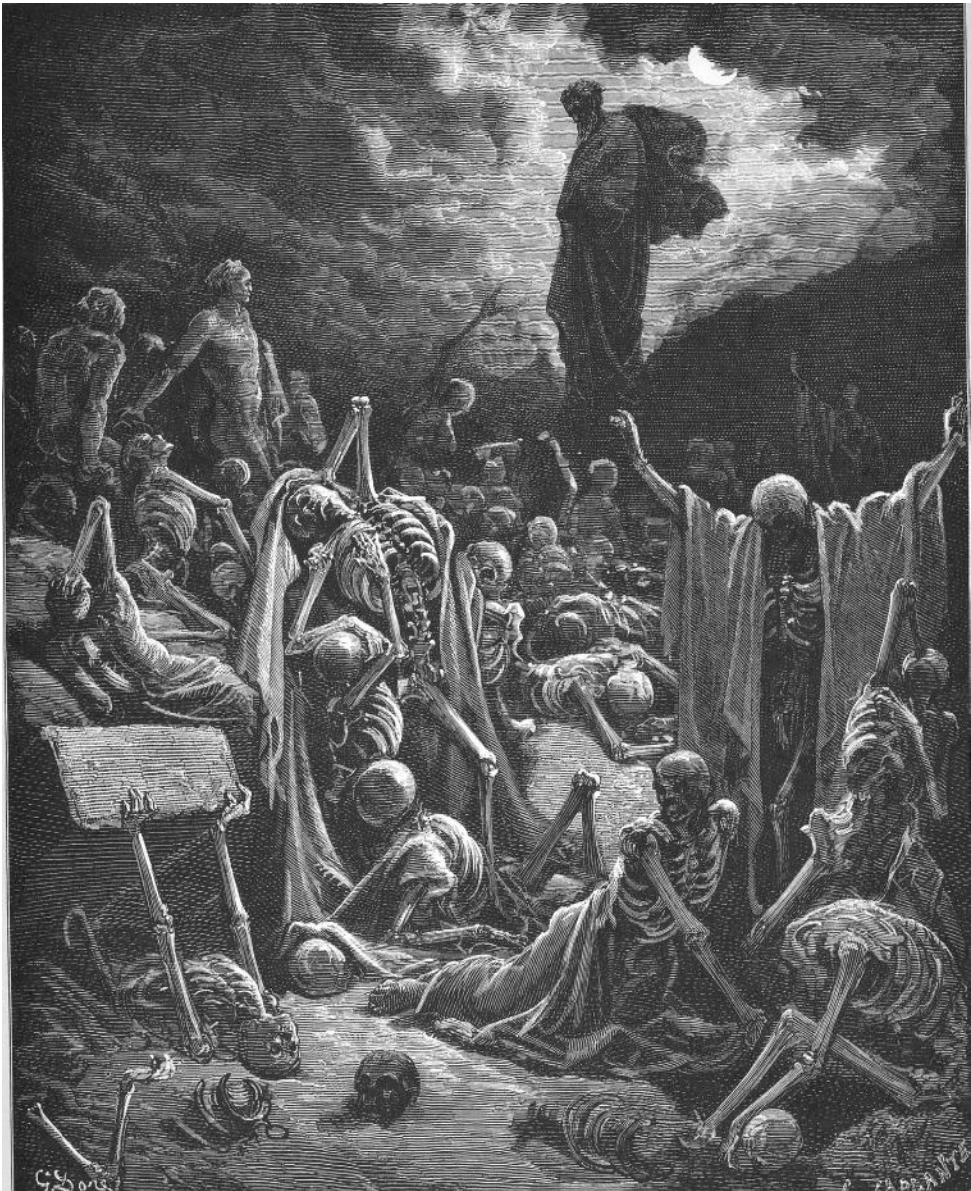
Luize Ribas Uau! Que capa linda da edição de junho!

FATO

Constância Lima Duarte Caros, fico tentando imaginar o sufoco que você e outros pequenos editores estão passando e não sei se consigo chegar ao menos perto da realidade. Quero, sim, assinar o jornal, não apenas para ajudá-lo a sobreviver à pandemia, mas porque acredito em projetos culturais que são frutos de iniciativas idealistas. Fiquem firme. Um dia tudo isso vai passar.

EDITORIAL

Seja, no mundo, a quarentena



Gustave Doré – *A visão do vale dos ossos secos* (1866)

Onde posso encontrar um Jornal RelevO para esboçar um sorriso enquanto leio?

ACRE

 **Rio Branco** Livraria N&S / Livraria Paim / Estante do Livro

ALAGOAS

 **Maceió** Casa de Cultura Luso-Brasileira

AMAPÁ

 **Macapá** Livraria Diniz

AMAZONAS

Manaus

 Kalena Café
 O Alienigena Acervo e Espaço Cultural / Sebo Edipoeira

BAHIA

Salvador

 Boto-Cor-de-Rosa / Midialouca / Livraria LDM (Brotas, Glauber Rocha e Shopping Paseo Itaigara) / Leitura Vale do Aço

Jacobina

 SerTão Livraria & Café

Juazeiro

 Papelaria e Livraria Officium

Ilhéus

 Badaué

Lauro de Freitas

 Livraria Dom Casmurro

Porto Seguro

 O Livreiro de Porto Seguro

Vitória da Conquista

 Livraria LDM / Criativa

CEARÁ

Fortaleza

 Livraria Lamarca / Sebo Ellenia / Livraria Arte & Ciência / Livraria Silará

Juazeiro do Norte

 Sebo Solaris

DISTRITO FEDERAL

Brasília

 Banca da Conceição / Livraria, Café e Bistrô Sebinho / Centro de Vivência

 Ernesto Cafés Especiais / Rapport Cafés Especiais e Bistrô / Quantocafé / Martinica Café / Vicalli

 Caixa Cultural / ONG Moradia e Cidadania / Instituto LGBT / Espaço f/508

Ceará

Ceilândia

 Jovem de Expressão

ESPIRITO SANTO

Vitória

 Torre de Papel / Multlivros Livraria & Papelaria

Dores do Rio Preto

 A Cafeteria

Guarapari

 Banca da Lua

São Mateus

 Livraria Sebo & Arte

GOIÁS

Goiânia

 Evôé Café Com Livros / Livraria Palavrear / Livraria Leodegária

 Café Carino / Ateliê Pizza Café Arte

Anápolis

 Café S/A

MARANHÃO

 **São Luís** Livraria Poeme-se / Sebo Arteiro / Sebo Papiro / Livraria Moderna / Livraria Tempo de Ler

MATO GROSSO

Cuiabá

 Bazar do Livro Matriz / Sebo Rua Antiga / O Chapeteiro Café Sebo / Sebo Raro Ruído

 Metade Cheio / Tchâ por Discos

Araputanga

 Espaço Gaveta

MATO GROSSO DO SUL

Campo Grande

 Livraria Le Parole / Livraria Oceano / Maciel

Dourados

 Companhia dos Livros / Canto das Letras

MINAS GERAIS

Belo Horizonte

 Armazém do Livro / Dona Clara / Livraria da Rua / Sebo Uruntu / Editora UFMG / Quibote / Livraria do Belas

 Café do Palácio / Café 104

 Espaço Guaja

Itajubá

 Lume Livraria / Sebo Bis

Juiz de Fora

 Livraria Contraponto

Montes Claros

 Conversos Café, Bar e Livraria

Passa Quatro

 Cava Livro

Poços de Caldas

 Travessa Cultural

Ponte Nova

 Banca Palmeiras

Pouso Alegre

 Sebo São Darwin

Tiradentes

 Livraria Café Italiaia

Uberlândia

 SBS Livraria Internacional

 Samsara

PARÁ

Belém

 Fox Livraria, Café, Papelaria e Locadora de Vídeos / Sebo do Gueto / Livraria e Editora da UFPA

Santarém

 BPP Sebo & Locadora

Cajazeiras

 Livraria Universitária CZ

Campina Grande

 Livraria Campinense

PARANÁ

Curitiba

 Agendarte Livros / Sebo Releituras / Itiban Comic Shop / Joaquim Livros & Discos / Livraria Arte & Letra / Livraria do Chaim / Sebo Arcádia / Sebo Santos / Livraria Vertov

 Supernova Coffee Roasters / Rause Café / Café Mitre / Café Lisboa / Café do Viajante / Chelsea Café / Café do MON / Magnólia Café / Panificadora Quintessência / Provence Boulangerie / Botanique Café Bar Plantas / Café Avenida / Café Tiramisu / Café do Mercado / Café do Teatro / Kaveh Kanes / Fingen Café / Moto Racer Café / TS Café & Livraria

 O Torto Bar / Tuboteca / Freguesia do Livro / Centro Europeu / Baba Salim / Kikos Bar / Biblioteca do Paço / Biblioteca Pública do Paraná / Selvática Ações Artísticas / SESC da Esquina / Paço da Liberdade

Apucarana

 SESC Apucarana

Araucária

 Banca da Aracy

 Duetto Café

 Casa Elisei Voronkoff / Porão do Cavalo Baio

Caibabá

 SESC Caibabá

Campo Largo

 Barba Camisetas / Inspirarte

Cornélio Procopio

 SESC Cornélio Procopio

Foz do Iguaçu

 SESC Foz do Iguaçu

Francisco Beltrão

 SESC Francisco Beltrão

Guarapuava

 Gato Preto Discos e Livros / A Página Livraria

São José do Rio Preto

 SESC Guarapuava

Ivaiporã

 SESC Ivaiporã

Jacarezinho

 SESC Jacarezinho

Lapa

 Livraria & Papelaria Nanise

 Panificadora Zeni

Londrina

 Livraria da Silvia / Nosso Sebo / EDUEL

Maringá

 SESC Londrina (Cadelão e Centro)

Maringá

 Café Literário

Medianeira

 SESC Medianeira

Morretes

 Café e Restaurante

Pato Branco

 Alexandria Livraria e Cafeteria

Ponta Grossa

 SESC Pato Branco

Ponta Grossa

 Verbo Livraria / Sebo Espaço Cultural I e II

 Hostel Paraná / Phono Pub / Frederico Cervejas & Cervejas

São José dos Pinhais

 Sebo da Visconde

São Mateus do Sul

 Vitors & Cia

Toledo

 Livraria Baluarte

Umuarama

 SESC Umuarama

PERNAMBUCO

Recife

 Livraria Praça de Casa Forte / Livraria Ideia Fixa / Varejão do Estudante / Banca Guararapes

 Clandestino Café / Borsol Café Clube - PINA / Borsol Café Clube - CALIFORNIA / A Vida É Bela Café / Malakoff Café / Brigadeiro Café

Caruaru

 Banca Terceiro Mundo

Garanhuns

 Livraria Casa Café

Olinda

 Sebo Casa Azul / Banca Circular

Salgueiro

 Capabella Sebo

PIAUI

 **Teresina** Café da Gota Serena / Café Art Bar / Entrelivros

RIO DE JANEIRO

Rio de Janeiro

 Belle Époque Discos e Livros / Livraria Leonardo da Vinci / Blooks Livraria / Livraria Argumento Leblon / Livraria Argumento Rio Design Barra / Livraria Beco das Letras / Arlequim / Letra Viva Filial / Livraria Berinjela / Livraria e Edições Folha Seca / Banca do André / Livraria da Editora UFRJ / Banca dos Advogados

 Café Pingado

 Espaço Saracura / Cine Jóia / Casa Contexto

Araruama

 Livraria Castro Alves

Cabo Frio

 Sebo do Lanati / O Sebo Antigo

Mesquita

 Sebolinha Livros e Revistas

Nova Friburgo

 Sabor de Lettura / Arabesco Livraria e Papelaria

Nova Iguaçu

 Degani Livraria, Donuts e Café

Paraty

 Livraria de Paraty

 Teatro Espaço / Casa da Cultura de Paraty

Petrópolis

 Livraria e Bistrô de Itaipava

 Sant'Anna

Seropédica

 Canto Geral Livros e Discos

Três Rios

 Livraria Favorita

RIO GRANDE DO NORTE

Natal

 Sebo Café / Cooperativa Cultural Univ. do RN

Mossoró

 Resebo

Praia da Pipa

 Book Shop

RIO GRANDE DO SUL

Porto Alegre

 Cirkula / Livraria Bambolettras / Livraria Baleia / Livraria Raizes / Livraria Taverna / Traça Livraria

 Café Cartum / Bouquiniste Café & Livros

Bento Gonçalves

 Galeria Hipotética

Bento Gonçalves

 Dom Quixote Livraria & Cafeteria / Paparazzi

Canela

 Empório Canela

Caxias do Sul

 Do Arco da Velha Livraria & Café

 Dulce Amore Café & Algo Mais

Frederico Westphalen

Nosso jornal nas bibliotecas comunitárias do Brasil	
Pará	Espaço Cultural Nossa Biblioteca Biblioteca Comunitária Carolina Maria De Jesus Biblioteca Comunitária Rios De Letras Espaço Comunitário Literário Livro Encantado BomBomLer
Belém	
Ananindeua	Biblioteca Comunitária Moara
Maranhão	Biblioteca Comunitária Paulo Freire Biblioteca Comunitária Prazer em Ler Biblioteca Comunitária Arco Iris do Saber Biblioteca Comunitária Semente Literária Biblioteca Comunitária Mundo do Saber Biblioteca Comunitária Portal da Sabedoria Biblioteca Comunitária Josué Montello Biblioteca Comunitária Wilson Marques Biblioteca Comunitária Caminho do Conhecimento Biblioteca Comunitária Arthur Azevedo Biblioteca Comunitária da Residência 05 Biblioteca Comunitária Monteiro Lobato Biblioteca Comunitária O Fantástico Mundo Da Leitura Biblioteca Comunitária Viajando pela Alegria do Saber Biblioteca Comunitária Monteiro Lobato Biblioteca Comunitária Cora Coralina
São Luis	
Ceará	Biblioteca Comunitária Sorriso da Criança Biblioteca Comunitária Criança Feliz Biblioteca Comunitária Jardim Literário Biblioteca Comunitária CL Professor Leônidas Magalhães Biblioteca Comunitária Famílias Reunidas Biblioteca Comunitária Mundo Jovem Biblioteca Comunitária Papoco de Ideias Biblioteca Comunitária Casa Camboa de Sabiaguaba Biblioteca Comunitária Plebeu - Gabinete de Leitura Biblioteca Livre Curió
Fortaleza	
S. G. do Amarante	Biblioteca Comunitária Literateca
Pernambuco	Biblioteca Popular do Coque Biblioteca Comunitária Amigos da Leitura Biblioteca Comunitária Educ Guri Biblioteca do Cepoma
Recife	
Jaboatão dos Guararapes	Biblioteca Comunitária do Peró
Olinda	Biblioteca Multicultural Nascedouro Biblioteca Comunitária Lar Meimei
Bahia	Biblioteca Comunitária Clementina de Jesus Biblioteca Comunitária do Calabar Biblioteca Comunitária Condor Literário Biblioteca Comunitária de Italo Biblioteca Comunitária Novo Amanhecer Biblioteca Comunitária Padre Alfonso Pacciani Biblioteca Comunitária Padre Luis Campinotti Biblioteca Parque São Bartolomeu Biblioteca Comunitária Paulo Freire Biblioteca Comunitária Sandra Martini Biblioteca Comunitária São José de Calazans Biblioteca Comunitária Sete de Abril Biblioteca Comunitária Tia Jana Biblioteca e Infocentro Maria Rita Almeida de Andrade
Salvador	
Minas Gerais	Biblioteca Comunitária Livro Aberto
Belo Horizonte	
Betim	Biblioteca Comunitária Professor Arlindo Correa da Silva Biblioteca Comunitária Cantinho dos Sonhos Biblioteca Comunitária Salão do Encontro
Sta. Luzia	Biblioteca Comunitária Corrente do Bem
Sabará	Borrachaliteca
Rio de Janeiro	Biblioteca Comunitária Wagner Vinício Biblioteca Comunitária do Cerro Corá Biblioteca Comunitária Palavras Compartilhadas Biblioteca Comunitária Atelier das Palavras Biblioteca Comunitária Carolina Maria de Jesus Biblioteca Comunitária Jurema Gomes Baptista Biblioteca Comunitária Elias José Biblioteca Comunitária Walter de Araujo
Rio de Janeiro	
Duque de Caxias	Biblioteca Comunitária Josimar Coelho da Silva Biblioteca Comunitária MANNS Espaço Literário Balaio de Leitura Varanda Literária Maria de Lourdes Miranda Biblioteca Comunitária Vila Aracy
Nova Iguaçu	Biblioteca Comunitária Paulo Freire Biblioteca Comunitária Thalita Rebouças Biblioteca Comunitária Othar Cultural Biblioteca Comunitária Prof Judith Lacaz Biblioteca Comunitária Mágica Biblioteca Comunitária Ziraldo Biblioteca Comunitária Zuenir Ventura Biblioteca Comunitária Três Marias Biblioteca Comunitária J. Rodrigues
Paraty	Bib. Com. Centro de Educação Integral Cairuçu Laranjeiras Bib. Com. Centro de Educação Integral Cairuçu Patrimônio Bib. Com. Centro de Educação Integral Cairuçu Ponta Negra Biblioteca Comunitária Casa Azul Biblioteca Comunitária Colibri Biblioteca Comunitária Itema Biblioteca Comunitária Regina Célia Gama de Miranda
São Paulo	Biblioteca Comunitária Caminhos da Leitura Biblioteca Comunitária Cultura no Quintal Biblioteca Comunitária Solano Trindade Biblioteca Comunitária Ademir dos Santos Biblioteca Comunitária Djeanne Firmino Bib. Com. EJAAC - Espaço Jovem Alexandre Araujo Chaves Biblioteca Comunitária de Heliópolis
São Paulo	
Guarulhos	Biblioteca Comunitária Picadeiro da Leitura
Mauá	Biblioteca Comunitária Mundo dos Livros Biblioteca Comunitária do CCDL
Rio Grande do Sul	Biblioteca Comunitária Girassol Biblioteca Comunitária Aninha Peixoto Biblioteca Comunitária do Arquipélago Biblioteca Comunitária do Arvoredo Biblioteca Comunitária Ceprimoteca Biblioteca Comunitária Chocolateão Biblioteca Comunitária Cirandar Biblioteca Comunitária Visão Periférica Espaço Multicultural Livros sobre Trilhos Biblioteca Comunitária do Cristal
Porto Alegre	
Dist. Federal	Biblioteca Escolar e Comunitária da EQS 108/308
Brasília	
Quer distribuir o RelevO? Escreva para contato@jornalrelevO.com	

OMBUDSMAN

Trecho da última coluna de ombudsman do *The New York Times*, assinada pela jornalista Margareth Sullivan, em 16 de abril de 2016. O novo ombudsman do **RelevO**, que sucederá a escritora e psicanalista Morgana Rech, será anunciado em meados de julho. Seu mandato se iniciará na edição de agosto. Ao lado da *Folha de S.Paulo* e de *O Povo*, de Fortaleza, o **RelevO** é um dos três periódicos brasileiros a contar com o cargo, fundamental para a relação de crítica e de mediação com o leitorado da publicação

“ Então, aqui estão algumas recomendações, que refletem minhas esperanças para esta grande empresa de notícias [NYT] e são baseadas no que ouvi dos leitores:

- **Mantenha controle editorial.** Como as parcerias, especialmente com o Facebook, o gigante das mídias sociais, tornam-se quase impossíveis de resistir, o *Times* não deveria permitir que abordagens orientadas pelos negócios determinem o que os leitores podem ver. Ao lidar com o Facebook e com outras plataformas e parceiros em potencial, cujos negócios giram em torno de algoritmos, é fundamental que o jornal garanta que as notícias que os leitores veem sejam conduzidas pelo julgamento de editores preocupados com jornalismo, não com fórmulas voltadas para os negócios, as quais talvez apenas reforcem preconceitos. Essa é uma das grandes questões para o futuro imediato – e deve ser enfrentada.

- **Lembre-se de que a velocidade mata.** Como o *Times* tenta obter o maior número possível de leitores digitais, é preciso ter em mente que a precisão e a justiça são fundamentais. Isso parece óbvio, mas no momento competitivo da publicação, nem sempre é fácil lembrar. Vá mais devagar, por uma questão de credibilidade.

- **Mantenha o clickbait à distância.** Na pressão pelo tráfego digital, o *Times* agora publica artigos em que nunca teria tocado antes para manter-se parte de uma conversa que ocorre nas mídias sociais e é lida em *smartphones*. Isso não torna esses artigos inerentemente ruins, mas o truque é manter os próprios valores.

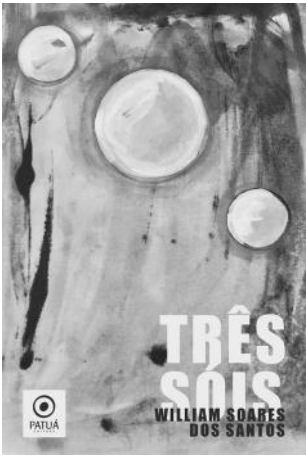
- **Mantenha a responsabilidade e o jornalismo de vigilância em primeiro plano.** O *Times* de Dean Baquet é aquele que enfatiza o trabalho de investigação. Essa deve ser sempre uma prioridade, e nada deve enfraquecê-la.

- **Não subestime a importância do editor e da checagem.** Como o *Times* tenta controlar os custos e reduzir sua força de trabalho, esse trabalho não deveria sofrer. Pode parecer invisível, mas importa enormemente.

- **Lembre-se da missão de defender os oprimidos da sociedade.** O *Times* pode ser elitista em alguns aspectos — apartamento de US\$ 10 milhões, alguém? Cubra os ricos, sim, mas equilibre-os com profunda e permanente atenção aos que nada têm.

- **Proteja a credibilidade com os leitores acima de tudo.** Aprofunde o relacionamento com eles e encontre novas maneiras de ouvir e abordar as preocupações dos leitores. (E, por favor, corrija as desigualdades no sistema de comentários — em breve.)

”



TRÊS SÓIS

WILLIAM SOARES
DOS SANTOS

ED. PATUÁ

"Com efeito, o livro, dividido em cinco partes, todas abrindo com sugestivas ilustrações e epígrafes de autores consagrados, da antiguidade aos nossos dias, tece uma espécie de arco, que vai do registro de um fenômeno meteorológico inusitado, que ocorre em regiões nórdicas, ao registro inquietante do próprio fenômeno poético, “sem pano para esfinge,/sem sombra alheia”. Diante da envergadura desse arco de estranhezas, o autor confessa que “a poesia que escrevo agora/quer apenas/a claridade dos espaços”."

Adriano Espínola

Isolamento, o alucinógeno da memória

Tamiris Volcean

Ainda me lembro de Eulália, a matriarca dos pés inchados. Às sextas-feiras, metia uma rosa vermelha em meio às mechas grisalhas, religiosamente. Era o seu ritual particular, lá na década de 1990, a última que lhe ofereceu o prazer dos dias. O século 21 chegou tirando-lhe tudo, inclusive a vida. Mas não me esqueço daquela imagem contrastante surgida ladeira abaixo, a cada término da semana. Era um botão ainda não totalmente aberto, mas desabrochado o suficiente para exalar o êxtase que os dois dias seguintes de folga causavam naquela senhora de 70 anos. Nunca troquei uma só palavra com Eulália. Nossos ciclos eram opostos. Enquanto eu aprendia gradualmente sobre as coisas do mundo, ela fazia questão de desaprender, aprisionando os fatos, conceitos e regras em um quarto inacessível da memória.

Apesar do antagonismo etário que nos afastava, impedindo prosas longas, como quem não queria nada, postava-me, no sexto dia da semana, sobre a mureta de azulejos da casa de minha avó, esperando Eulália passar.

Eulália trabalhava em uma fábrica de bolachas. Era empacotadora. Décadas empacotando de segunda à sexta-feira, oito horas por dia e um pouco mais. Dizia às vizinhas que o cheiro da fábrica embrulhava-lhe o estômago, mas o nariz já tinha acostumado. Fazer o quê? A mulher morreu no final da década de 1990 e somente agora eu entendi o motivo da rosa. Era para perfumar-lhe o redor, fazer-lhe esquecer o cheiro da labuta, trazer-lhe aroma novo para os dias fora da clausura fabril.

Quem trabalha de segunda à sexta-feira, horário comercial, sem chance de atrasos, sabe que a sexta-feira tem gosto de outra coisa. É claro, não se pode viver de esperas. Mas se vive de expectativas. Sem elas, não há porquê.

Neste ano do século 21, estamos em período de quarentena. No Brasil e no mundo todo dia é um dia sem fim. A sexta-feira chega, mais uma vez, com gosto requentado de ontem. Eulália, se fosse apresentada ao perigo iminente deste vírus que nos limita a percepção do tempo e do espaço, abdicaria da rosa. Nem daria as caras na ladeira, permitindo-me admirar o desfile híbrido de aroma e cor. Já faz algumas semanas que os dias são assim, sem

a expectativa do amanhã, porque o amanhã é nada mais do que uma réplica perfeita do hoje. Na minha infância, Eulália, a empacotadora, fazia suas rezas junto a minha avó, em uma saleta apertada. Entregue à aprendizagem litúrgica, escutava-a rezar em uma língua que não era a nossa, como se fosse adotada por aquela mulher de cabelos brancos. A lembrança chega como divagação. Cenas aleatórias, protagonizadas pela velha que nunca tivera nenhuma importância para a minha formação.

No entanto, há dias nesta clausura em que sinto uma vontade incontrolável de agarrar uma lembrança, como estas insignificantes que carregam a figura de Eulália, bem forte com as mãos e dobrá-la miudinha, de forma a caber no meu bolso e ali permanecer. Feito origami, sabe? Primeiro dobramos aqui, depois, acolá, até formar um pássaro ou uma estrela. Sinto desejo de tê-la em papéis de cores gritantes; vermelho, amarelo, azul — materializada em cartolina fácil de manusear. A vontade é fruto dessa distorção temporal que nos fizeram engolir goela abaixo, quando nos vimos obrigados a sermos prisioneiros de nossas próprias rotinas.

Ontem mesmo pensei em Eulália. Sua voz quase inaudível tentava aconselhar-me. Fiz um grande esforço, mas foi preciso apelar à rendição. Não a escuto mais. Não me lembro do seu timbre, o mesmo que entoava cantos religiosos junto às demais senhoras de cabelos brancos que, disciplinadas, punham-se em paralelo nos bancos do templo religioso, causando a impressão ótica de uma plantação organizada de algodão ao final da década de 1990, a mesma que lhes tirara o vigor e a maciez das mãos em anos precedentes à reza. Isso me afetou de formas inimagináveis, como se o temporal, de chuva e de horas, soprasse sem aviso, forte, intenso, bagunçando tudo o que mora em mim.

Eulália tornara-se apenas recordação. Não restou nada além da minha própria invenção do que poderia ter sido. Estar consciente disso é desolador. Não há remédio que cure a dor dos pedaços que nos faltam a cada passo dado na existência. Vozes enfraquecem, tornando-se sussurros indefinidos, faces derretem, deformando traços singulares. As narrativas ficam

confusas, deixando-nos sem saber o que foi dito, como foi dito, em que ordem foi dito.

Faz trinta dias que não saio de casa. A sensação é a mesma descrita por Aldous Huxley, em seu ensaio que inspirou Jim Morrison, no final da década de 1960. Fico pensando em Eulália. A ausência dos outros me faz refletir sobre aqueles que há muito estão ausentes. É como se, daqui para frente, só nos fosse permitido viver em um perpétuo presente.

Quase tudo na vida começa com uma pequena ideia, que se agiganta conforme alimentamos a intensidade de sua existência. Com Eulália, foi assim. A solidão pedia companhia e, então, fiz dos mortos já decompostos em pó os convidados de minhas cadeiras. Eulália, com seu botão de rosa no ponto certo de desabrochar, foi a primeira a chegar, por acaso ou destino. Não que a velha tivesse importância singular, ao contrário.

No trigésimo dia de confinamento, tive uma visão sacramental da realidade. Consumi vários minutos — ou foram vários séculos? O descaso pelo tempo sentido neste contexto me impede de responder à pergunta. É que enxerguei a anciã nitidamente. Não sei se perto ou longe de mim, a noção de espaço também pouco me importa nesse momento. Ela estava ali, não como um fantasma homólogo ao que fora ou lembrança desbotada do dia que passou, mas em si mesma.

Fechei e abri os olhos, repetidamente, com a intenção de expulsá-la. Tive medo. Nunca aceitamos de prima aquilo que não podemos explicar. De nada adiantou os esforços oculares. Eulália atendeu ao chamado por companhia de forma exemplar.

A imaginação se nutre de coisas distantes no espaço e no tempo. Foi isso que ela me disse, no momento da despedida. Antes, fez uma oração, como nos tempos em que se achegava à casa de minha avó. Inclusive, pedi notícias dela. Silêncio absoluto.

O vazio, de novo.

Peguei o telefone, buscando amparar-me neste mundo, o que é considerado genuinamente real. Queria ouvir vozes de quem ainda não fora sabe-se lá para onde. Disquei. Chamou, chamou. Silêncio. Isolada, não há para onde correr. Sentei-me na mesma cadeira de vime que, momentos

antes, colocara-me frente a frente com Eulália. Estaria enlouquecendo, diante da repetição inexorável dos dias?

Liguei a televisão, na esperança de me situar em meio àquilo que me era conhecido. Era dia de pronunciamento oficial do Governo Federal, o dia em que o Presidente da República decora um discurso qualquer e o reproduz frente às câmeras. O Presidente apontava a pandemia responsável pelo isolamento que me enlouquecia como delírio. Invenção da oposição para tirá-lo do poder. Cuspia no equipamento profissional de filmagem, dizendo que não era preciso permanecer refém da própria morada.

Senti meu estômago revirar, talvez pela transformação da perspectiva do espaço e do tempo, causada pelo confinamento. Sem referencialidade, pairamos no ar. Parecia-me, naquele momento, que o Presidente estava longe, a uma distância suficiente para lhe impedir a visão concreta dos fatos. Ou era apenas canalhice. Nunca se sabe.

Três realidades coexistiam na sala do apartamento escuro. A mobília era apenas um amontoado de sombras. Havia Eulália, o medo estampado nas notícias do jornal e o pronunciamento do Presidente. Eu estava ali, entre o delírio de ir e alucinação do ficar.

Bergson tinha razão acerca de nossa memória e senso de percepção. Nosso cérebro cumpre a função de nos proteger, impedindo o massacre de informações e a confusão causada pela onisciência frente ao conhecimento. O meu cérebro funcionava como uma válvula redutora, que estrangulava qualquer coisa que transbordasse o real, este aceito como o único experimentável e possível. Até hoje. Hoje, a válvula falhou.

Talvez, estejamos todos sob o efeito de um poderoso psicotrópico. É a única explicação plausível. E a viagem começa a dar sinais de que o isolamento é só uma preparação. Depois, não haverá Eulália, delírio governamental, devaneio ou sonho que sacie a fome desta mudança permanente e global causada pela quarentena no nosso sistema nervoso central. Para mudar o destino, só restará a revolução. Ou, quem sabe, a descoberta de que os mártires penetram na arena de mãos dadas, mas são crucificados a sós.

Irasshai

Bianca Tech

Num balcão com luz baixa, frente às dezenas de garrafas de saquê e uísques japoneses, aguardo minhas robatas, na esperança de chegar no nível mais próximo do nirvana que a comida e a bebida podem me levar. Na parede, um dragão oriental, feito por Atsuo Nakagawa. Espalhados no bar, cacarecos japoneses: pôsteres de guerreiros empunhando espadas e de mulheres com dragões orientais tatuados nas costas, ao lado de máscaras de ninjas da ANBU (referência descarada do Naruto) e copos em formato de bunda na prateleira. Chega, do outro lado do balcão, Keiji Mistunari, dono do topete mais alto de Curitiba, maior amante de vespas e proprietário do bar. Ele já se aproxima e lança: “O que vai beber, Bia Chan? Matsumoto, bota tudo o que tiver de miúdos na grelha pra essa menina”. Mistunari gargalha bem alto, me passa alguns tsukemonos — conservas ao estilo japonês que servem como aperitivos e/ou acompanham uma refeição — para começar, e enche uma caneca de sidra da Morada Etilica. Do meu lado, sentam-se dois senhores, orientais e de meia-idade, usando roupas sociais, devem ser executivos que acabam de sair do trabalho. O balcão lota e eles conversavam sem parar, em nihongo.

Um golão de sidra, uma bocada de Kimchi, um picles coreano comumente apimentado e feito de repolho ou acelga. As vozes das pessoas ficam mais altas, ouço músicas japonesas que nunca ouvi. Logo depois, temas de animes no meio, esse é o lugar que eu queria estar, penso, e assim que termino os tsukemonos, Matsumoto coloca dois espetinhos sobre o balcão: língua e moela. “Aqui, Bia”. Agradeço, não somente a ele, também à equipe, e agradeço pela oportunidade de viver aquela

experiência. Sinto-me grata por poder me embriagar e comer muito, sem frescura nenhuma, naquele balcão.

Em um antigo trabalho que tive, em outro restaurante oriental, haveria uma noite de boteco japonês, em parceria com o Izakaya Hyotan. No dia do evento, entrava pela porta da cozinha o conjunto de topete e costeletas mais famoso desde Presley: o de Keijinho. Ficou impresso em minha memória. Seu jeito caricato, piadas e palavrões. Depois desse encontro, percebi que precisava conhecer o tal do Izakaya.

Localizado na Alameda Augusto Stelfeld, uma não tão popular rua de Curitiba, o primeiro Izakaya Hyotan tinha capacidade para 20 clientes. Era uma portinha pro Japão, ou melhor, um portal, que, quando atravessado, podia-se em seguida notar um grito, quase intimidante: “IRASHAIMASSE!”. Um susto para alguns, uma expressão essencial em um autêntico Izakaya para muitos, significa basicamente “seja bem-vindo!”, e é usada para recepcionar clientes com entusiasmo. Havia também, em frente ao Hyotan, filas de espera, pessoas chatas reclamando, outros que nunca desocupavam os lugares para o próximo sentar e comer. Aos poucos, aquele balcão passou a ser disputado e frequentado por todo tipo de gente: desde casais apaixonados, solteiros em busca de embriaguez e boa comida, chefs, azarões, críticos culinários, vovós e o meu tipo de gente, em específico, que buscava uma coisa além da comida e bons drinks: farra.

Avisos na entrada, como “não encha o saco!”, “se estiver cheio, espere ou volte outro dia”, “não tem yakissoba!” e “não temos sushi!”, eram uma alegria pro meu coração, um lugar que vendia comida sem se entregar ao desejo de uma clientela

que apelasse pra desconfiguração da autenticidade nipônica. Longe dos clichês, pratos mais ocidentais do que asiáticos, que são muito consumidos e considerados tradicionais por gaijins, expressão do nihongo para “não-japoneses” ou estrangeiros.

Já bebi no Izakaya e presenciei, como também fui protagonista, de situações memoráveis, outras lamentáveis. O fato é, que, quando havia um barrilzinho transparente com um líquido vermelho: era dia. Lá por umas tantas, era hora de “tomar na bundinha”, com copos temáticos de nádegas, caso o pudor do leitor peça um vocabulário mais recatado.

Quando os ânimos aumentavam por parte do Keiji, aconteciam vários brindes, que não eram apenas entre os clientes, e sim dos dois lados do balcão. Começava o karaokê, embalado ao som de Chitãozinho & Xororó, Milionário & José Rico e até Bonde do Tigrão (confesso que fui eu). Os maiores sucessos cantados por quem não tem amor ao próprio fígado foram interpretados e inclusive coreografados, naquele espaço tão pequeno e tão acolhedor.

Nesses anos onde venho acompanhando a trajetória do Hyotan, uma coisa nunca mudou: minha felicidade naquele balcão. Do que posso reclamar? Sinto falta da sensação de acolhimento que vinha da proximidade com a equipe e dos outros comensais no antigo Hyotan. Todo mundo apertado, frente a frente, karaokê semanal, ali não tinha pra onde ninguém fugir e a experiência se tornava mais interativa entre clientes desconhecidos e a equipe, numa espécie de reunião familiar.

Mas, convenhamos, preciso elogiar o desempenho do Matsumoto-san. Ele tem sido impecável e consistente nas robatas, a sambiquira e os demais

yakitoris (espetinhos de frango) estão muito, muito bons! E, certamente, sempre sentar em frente dele no balcão facilita as coisas pra nós dois: eu como bem, e muito. O cardápio quente ampliou, com mais frituras e donburis (pratos para comer em tigelas com arroz), a equipe de cozinha tem mantido minha sensação orgástica da primeira à última garfada. O atendimento segue simples e direto, os drinks? Tô devendo, preciso provar. É que pedir as cervejas e sidras da Morada Etilica é uma certeza, um conforto, um instinto.

Espero que o Hyotan continue sendo um lugar certo, o balcão amigável onde posso comer banquetes, beber litros, rir de mim mesma e cantar, sem dignidade ou amor nenhum a alguma reputação. Um balcão onde uma mulher come sua sambiquira e bebe sozinha, com tranquilidade, é um lugar essencial.

"ARIGATO GOZAIMASU!"

Alguns apontamentos sobre pandemia e literatura

Greicy Pinto Bellin

Em “A máscara da morte rubra”, um de seus mais famosos contos, Edgar Allan Poe retrata uma epidemia chamada de “morte rubra” ou “morte escarlata”, que assola um reino imaginário governado por um príncipe chamado Próspero. Qualquer semelhança com o Próspero de “A tempestade”, peça de William Shakespeare, não é mera coincidência. Poe foi leitor contumaz da obra do poeta inglês, citando-a em seus ensaios de crítica literária ao analisar a situação de dependência literária dos Estados Unidos em relação à Inglaterra. Tal dependência caracterizava o imaginário relativo às epidemias, vistas, no século 19, como males importados da Europa, os quais chegavam às colônias dizimando pessoas em larga escala e comprometendo a expansão populacional da então jovem nação norte-americana. Mas o que eu gostaria, neste ensaio, é de chamar a atenção para outra situação no conto de Poe, a qual muito se assemelha, guardadas as devidas proporções, com a situação instalada pela pandemia do chamado “vírus chinês”, que parece ser o equivalente da “morte vermelha” nos dias atuais.

Preocupado com a integridade física das pessoas em seu reino, e considerando o caráter extremamente fatal e inexorável da doença, capaz de matar a vítima em menos de meia hora, o príncipe Próspero decide construir uma fortaleza para manter seus súditos a salvo da peste que assolava o país. Tal procedimento, que nos remete aos tão propalados “quarentena” ou “isolamento horizontal”, parece surtir efeito até o momento em que o príncipe decide dar um grande baile de máscaras em seu castelo. Biógrafos e estudiosos de Poe afirmam que o escritor estaria se referindo ao Baile da Cólera,

presenciado por seu contemporâneo Nathaniel Parker Willis durante um surto de cólera em Paris em 1832. Willis teria descrito a presença, em tal baile, de um homem muito alto vestindo uma fantasia que remetia à “pestilência ambulante” que assolava a capital francesa naquela época. Atualmente, o Baile da Cólera guarda bizarra semelhança com as chamadas Festas Corona, em que os incautos contrariam todos os protocolos de distanciamento visando um pouco de diversão em meio à pasmaceira instalada pela quarentena. No conto de Poe, a “morte rubra” adentra sorrateiramente o castelo durante a festividade e dizima todas as pessoas nele presentes: “E um a um, foram tombando os foliões, nos salões da orgia, orvalhados de sangue, morrendo na mesma posição desesperada de sua queda” (POE, 2001, p. 287).

Longe de incorrer em anacronismos ao transpor as representações do conto para os dias atuais, o que a narrativa de Poe parece trazer é uma questão fundamental que deveria nos preocupar: até que ponto uma doença importada (caso do coronavírus, importado da China, como era a cólera nos Estados Unidos do século 19, importada da Inglaterra), tem o poder de interferir no livre arbítrio das pessoas? Até que ponto a chamada “quarentena” ou “isolamento vertical” funcionaria de fato? E até que ponto protocolos muito radicais de isolamento não acabariam levando a atitudes extravagantes como a de promover um grande baile em meio à epidemia? Apesar de nós, como humanistas, não termos a competência de profissionais da área de biologia para fornecer uma resposta concreta a estas questões, gostaria de partir do texto literário (esta, sim, a função de um estudioso da literatura) para

ensaiar respostas que nos levem à reflexão a respeito da realidade que estamos vivenciando no momento.

Poe escreve seu conto no século 19, em meio à ascensão do capitalismo e à difusão de uma moral voltada ao trabalho e ao enriquecimento. O próprio Poe estava sujeito às vicissitudes do mundo do trabalho e do capital, tendo sido considerado o primeiro escritor profissional da América, que dependia da pena para sobreviver. As medidas sanitárias de quarentena e isolamento freariam a ascensão do capital, restringindo a liberdade do indivíduo ao restringir, também, a sua capacidade de trabalho. Torna-se, desta forma, difícil imaginar um escritor como Poe confinado com sua família por meses a fio, considerando sua necessidade premente de sobrevivência, bem como o fato de precisar sustentar uma tia (Maria Clemm) e uma esposa doente (Virginia Clemm, que morreria aos 24 anos de tuberculose e problemas cardíacos). Neste sentido, o conto aponta para duas interpretações: a primeira, relativa à crença de que quarentena e isolamento não funcionariam a longo prazo, pois, mesmo com a construção da fortaleza, a “morte rubra” acaba penetrando no reino, e a segunda, que se refere ao perigo de se quebrar os protocolos adotados por meio da realização de um baile, quebra esta que teria sido a grande causadora da invasão da “pestilência ambulante”. Observa-se, sobre estes aspectos, uma grande semelhança com relatos que circulam em nossa mídia hodierna, fazendo-nos pensar não simplesmente em questões relacionadas à eficácia da quarentena, mas na assimilação passiva de discursos que uniformizam o pensamento e cerceiam a liberdade de expressão. O próprio Poe teceu

esta crítica em relação à literatura de sua época, que se caracterizava pela imitação do modelo britânico, daí a escolha do nome shakespeariano para se referir ao governante que acredita poder dominar a vida das pessoas e, conseqüentemente, o próprio mundo ao seu redor.

Nosso papel como humanistas neste contexto é apontar para um problema que venho observando desde a instalação do cenário de pandemia: a massificação e uniformização do discurso, característica que configura uma verdadeira distopia, semelhante, aliás, às mais famosas narrativas distópicas que se observam na literatura, entre elas *O conto da aia*, de Margaret Atwood. Observa-se, em meio a este contexto quase surreal, um discurso padronizado que parece sustentar estratégias de lavagem cerebral com conotação ideológica, em um claro projeto de má fé que objetiva não apenas o cerceamento da liberdade do indivíduo, mas sua submissão integral a slogans pré-fabricados que jogam com o medo da morte e da contaminação por um vírus teoricamente mortal, como é o caso da expressão “fica em casa”. Tais informações encontram respaldo em várias teorias da conspiração, as quais apontam a China como responsável não apenas pela disseminação do vírus em si, que teria sido fabricado em laboratório, mas também pela propagação dos protocolos sociais reguladores da subjetividade e do comportamento humanos. Sintomas desta regulação podem ser observados, ao menos no contexto acadêmico, em uma grande preocupação com a materialidade do corpo e com as doenças, a ponto de a última obra de Susan Sontag, *A doença como metáfora*, escrita quando a estudiosa estava padecendo de câncer,

doença que lhe tirou a vida, ter sido recuperada em lives e clubes de leitura nos últimos meses. O próprio conto de Poe comentado neste ensaio, segundo algumas fontes, estaria nos planos de adaptação cinematográfica por parte dos chineses com previsão de lançamento ainda em 2020, o que reforça as teorias da conspiração já mencionadas, bem como o imaginário de medo e terror que faz com que as pessoas sejam ainda mais influenciadas pelos discursos padronizados, fechando um ciclo fúnebre e pernicioso.

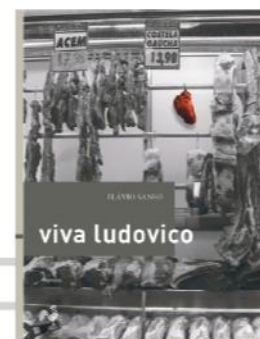
Mas um problema ainda mais grave, já comentado por mim em outro ensaio publicado recentemente, diz respeito à guerra política e ideológica que usa a pandemia como pano de fundo para a sua configuração, com impactos relevantes no campo das ciências humanas. Nunca se viu um vírus tão politizado, e uma propensão tão grande a atribuir a sua disseminação a políticos detestados por uma pequena parcela da população que se afirma como elite cultural do país, mas está longe de conhecer as vicissitudes do universo laboral cotidiano das classes mais desfavorecidas, em postura que se equipara à do Príncipe Próspero ao construir a fortaleza que garantiria a proteção de seus súditos do avanço da peste mortal. Observa-se, ainda, o recrudescimento de uma guerra cultural conduzida por formadores de opinião pertencentes a estas elites, os quais encetam discursos virulentos sob a rubrica “guerra cultural bolsonarista” e “retórica do ódio”, baseados em acusações direcionadas a pensadores

associados ao chamado pensamento “de direita”, como, por exemplo, Olavo de Carvalho. Para além do despropósito e do desserviço de se ter estudiosos de literatura discutindo política partidária, duas instâncias absolutamente incompatíveis, o que se observa é uma patética e esquizofrênica projeção da postura adotada por certos grupos políticos e ideológicos ao longo de anos de supremacia intelectual, postura baseada no cerceamento das opiniões que não estão de acordo com o programa ideológico de tais grupos, e no silenciamento compulsório de seus oponentes. A relação entre debate literário e debate político, por sua vez, ainda que plenamente justificada por uma perspectiva, largamente aceita e discutida na academia brasileira, segundo a qual forma literária e processo social estão inquestionavelmente imbricados, acabou por ser utilizada em um projeto de má fé, que retira o foco do texto literário para se debater outras questões, atrasando, cada vez mais, o desenvolvimento da teoria literária brasileira.

O que observo no atual cenário intelectual e literário brasileiro é, em suma, um expressivo afastamento dos humanistas de sua real missão: questionar e criticar a realidade de forma neutra, sem usar rótulos e sem aderir a vinculações que reduzam sua intelectualidade aos rótulos acachapantes “de esquerda”, “de direita” e/ou, o que é pior, a uma obrigação de ser de esquerda, a qual é, aliás, uma das responsáveis

por nortear as mais variadas disputas por poder hermenêutico dentro da academia. No que diz respeito à literatura, tais disputas acabam por desconsiderar a leitura do texto literário, além de suprimir drasticamente a complexidade dos debates que deveriam ser estimulados pelos mesmos intelectuais empenhados em debates político-partidários, evidenciando um egocentrismo alienador e pouco sintonizado com as reais necessidades da sociedade e da própria área de Humanas, ambas em estado de emergência.

Urge, portanto, lutar contra os Príncipes Prósperos de nossa realidade, contra os donos da razão que cerceiam nossa liberdade, catalogam nossos comportamentos e regulam nossas subjetividades dentro de um contexto que, volto a frisar, usa a pandemia, o medo da morte, o pavor da contaminação e a necessidade instintiva de sobrevivência dos seres humanos para a construção de fortalezas com a intenção de fazer o bem e proteger a saúde das pessoas. Somente espero que o desfecho não seja trágico como foi o conto de Poe, com a “morte rubra” invadindo os castelos para dizimar um a um em sua sanha macabra de sangue, mistério, horror e morte: “E a vida do relógio de ébano se extinguiu com a do último dos foliões. E as chamas das trípodes expiraram. E o ilimitado poder da Treva, da Ruína e da “Morte Rubra” dominou tudo” (POE, 2001, p. 287).



Flávio Sanso

Aos açougueiros deveria ser garantido o direito a tratamento psicológico. Por que não? Lidam com a matança em série, produzem a carnificina em estado bruto. Já não parece motivo suficiente? É que a prática reiterada torna os nervos acostumados. Mas eis que durante o procedimento de abate, o açougueiro retratado nestas páginas encara o enorme animal pendurado e, num rompante de sensibilidade, é acometido pelo surto que o empurra para dentro de um turbilhão de acontecimentos insólitos. A partir daí é só alvoroço. Não é para menos, levando em conta a improvável convivência que se dá entre o açougueiro e Ludovico, criatura pródiga em espalhar transformações por onde atravessam suas passadas planeadas e elegantes que avançam como se acariciando o solo. Esta é mesmo uma história de transformações. E de sentimentos vibrantes, de ânimos despertados. E também de vida ou morte, mais vida do que morte, na medida em que conforme Ludovico vai teimando em se manter vivo, o sentido das coisas ao redor, até então sempre muito imperceptíveis, vai ganhando colorido de revelação. Viva Ludovico.

Para mais detalhes, acesse flaviosanso.com



Estado da Corda Sol Quando se Exagera na Tensão
de Érika Batista



Liberdade Cativoiro
de Leonardo Teixeira



PROMOÇÃO DE ANIVERSÁRIO

R\$ 25
FRETE GRÁTIS

use o código para o cupom de desconto: RELEVO

www.editoraampearelo.com.br

Talvez seja tarde para se ler um poema

Wander Lourenço

Talvez seja tarde para se ler um poema
Se a noite anda longe sem aguardar pelo luar e as estrelas
Em firmamento-fátuo que se dissolvem abruptas em pétalas escarlates
Incandescentemente.

Talvez seja tarde para se ler um poema
Quando o luar e as estrelas despencarem feito aves cadentes abatidas
Pela roca mímica do tempo com espingardas lúgubres em cortejo pético
Funestamente.

Talvez seja tarde para se ler um poema
Se os pássaros emudecem o descanto lírico ao gorjear da aurora
Em silêncio tácito e absurdo sobre o que não se cala por míticos abismos
Dissolutamente.

Talvez seja tarde para se ler um poema
Quando o silêncio se sobrepõe aos homens por estúpida opressão justaposta
Ao grito mímico submergido pela lassidão ou covardia que aprisiona
A alma por cárceres invisíveis e impalpáveis
Alucinadamente.

Talvez seja tarde para se ler um poema
Se a opressão se conjuga como se fosse hóstia proibida ao discernimento
Por sobre túbio percurso de profanação do rugido cego e alienado
Em gesto de sublimação mórbida e (holo)cáustica
Impudicamente.

Talvez seja tarde para se ler um poema
Quando o Verbo se petrifica pela ignorância fatídica sobreposta à mesa
Dos vermes esfomeados e pútridos da república insana e súdita
Descaradamente.

Talvez seja tarde para se ler um poema
Se o aforismo naufraga mediante o dilúvio cíclico da bestial insensatez
E do perjúrio ritmado e aplaudido pela plateia atônita e obstupecata
Acovardadamente.

Talvez seja tarde para se ler um poema
Quando a estupidez se oficializa para além-diálogo entre a voz premida e a ruidosa
Eloquência da iniquidade se adversa ao ímpeto de rouca liberdade
Atavicamente.

Talvez seja tarde para se ler um poema
Se o colóquio promiscuiu-se em razão da sordidez do açoite que estala
No picadeiro da consciência da plebe incógnita e bestificada
Alienadamente.

Talvez seja tarde para se ler um poema
Quando o vocábulo se coaduna ao degredo intelectual não havendo
Quem se submirja ao que se evapora feito água em fogão à lenha humana
Etapafu(r)gidiamente.

Arrecife dos Navieiros

Wander Lourenço

Eis os manuscritos apócrifos d'assenzala para o além-mar do Foral de Olinda
Do que se houvera pelos chãos de pedra ancoradouro Arrecifes dos Navieiros
Dos embarcações em cais de saudade onde ancoravam naus-caravelas infindas
De pau-brasil fumo-d'angola, dos lotes d'ouro, das mercancias, dos marinheiros

Às margens canavieiras dos antigos engenhos que roçam as navegadoras aguarias
Do Capibaribe n'onde aportara o fadário negro do escravo de nomeada Damião
Que púrpura encantação de pele pela sinhá-branca Violante de Góes da Capitania
De Pernambuco, consorte do fidalgo D. Fernão de Góes de Itamaracá, o Barão

Atraído pelas rudes mãos do destino quando a esposa Violante e o reles amante
O escravo de ganho Damião de ofício-estivador que aportara em vil desembarcação
Que às cegas amarras s'embrenharam por porões labirínticos do coração navegante
Ah quem diria que torpe aleivosia do escravo maledicente de fato adviria da paixão

Em pelourinho d'engenho aferrou-se o negro Damião por cruéis correntes e açoites
Pela castigação d'assangrar couraça do cativo ladino em madeiro de humilhação atroz
Por desagravo da injúria de famí'a gorjeio do vergáio que rugia sobre silêncio da noite
Que invadia casa-grande onde Dona Violante Góes fora trancafiada feito bicho feroz

Não obstante, apertencesse ao escravagista D. Fernão de Góes, o Barão de Itamaracá
Que co'o todo fervor não aperdoou ultraje do preto desabusado que fez abrolhar rebento
Abastardado em ventre proibido da sinhá-branca d'Engenho Bom-Amparo do Jequitibá
Salvo engano, querubim fora ajogado à moenda de cana-de-açúcar por mando-contento

Do senhor de terras em desonra insultado por obsceno gesto bárbaro do preto-chinfrim
Qu'ordenou que s'arretalhasse carne-viva do finório co'as mil sangrentas chicotadas
Qual naváia de fio d'aço afiado a destroçar os pecados desmaiados sobre terra-carmim
A pagar co'vida pela safardança desfeita d'raça contra Siá Violante de Góes violentada

Defronte d'assenzala d'Engenho Bom-Amparo do Jequitibá corpo negro inerte-mutilado
Por chicoteio do Feitor Florenço como s'estalasse preto qual coice-cego cruel vingança
Por ter feito mal a Dona-Siá Violante de Góes negro de ganho Damião for'é massacrado
Como afaz co'fruto da cana-doce a s'esmagar pr'azafamar lida em bem-vinda chegada

Aporém, diz que d'aviltamento d'escravo Damião a denegrir bastardia de defeito de cor
A que Dona Violante de Góes dera luz ao coibido fruto por nascituro de má-sina e sorte
Depós d'avinhorada ceia advém preto-manquejo co'o punhal em manejo a se sobrepor
O vulto mal'assombrado do negro Damião Barão D. Fernão de Góes alvejado de morte.

RELEVO NOIR

A Revolta das Plantas

TEXTO E ROTEIRO: DANIEL ZANELLA / MATEUS RIBEIRETE

ARTE: BOLÍVAR ESCÓBAR

REVISÃO: NÃO TEVE



A QUARENTENA É UM ESTADO DE ESPÍRITO, PRECISAMOS DE RESILIÊNCIA, SABER RETIRAR APRENDIZADO DA DIFICULDADE, MANTENDO O DISTÂNCIAMENTO SOCIAL.



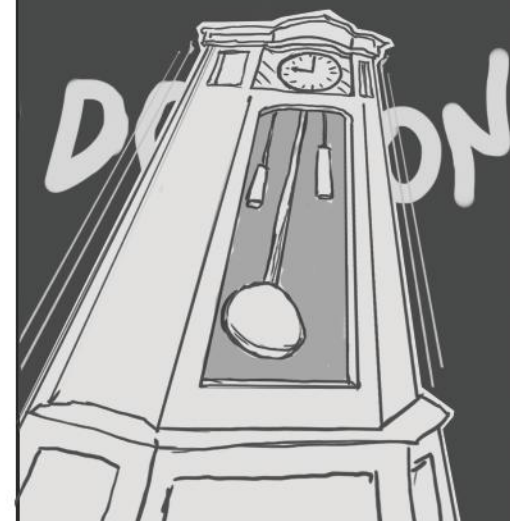
ESTOU DENTRO DE UM FILME DE TERROR?



"DEVO FURAR MINHA QUARENTENA PARA VER SE OS VIZINHOS ESTÃO PASSANDO POR ISSO? O BRASIL NUNCA ENTROU EM QUARENTENA, ISSO É O RESULTADO DE SÉCULOS DE FALTA DE EDUCAÇÃO, DE POLÍTICAS PÚBLICAS OPORTUNISTAS"



JÁ SÃO 9 HORAS! PRECISO ENTRAR NO ZOOM.



BOM DIA, PESSOAL. ACONTECEU UMA COISA ENGRAÇADA AQUI, POR ACASO AS PLANTAS DE VOCÊS SUMIRAM TAMBÉM?



ENQUANTO ISSO...



É GOL! GOLÃO! PALMEIRAS VIRA O PLACAR CONTRA O FIGUEIRENSE...

CONTINUA...



POR QUEM OS SINOS DOBRAM



Dizem que nada se cria, tudo se copia. O título deste texto foi copiado de uma música de Raul Seixas chamada *Por quem os sinos dobram*. Essa música é boa, mas seu significado é um pouco obscuro. Ao menos no começo Raul canta “nunca se vence uma guerra lutando sozinho”. A canção é a primeira faixa do lado B do disco *Por quem os sinos dobram*, lançado em 1979.

Em 1984, o Metallica lançou a canção *For whom the bell tolls*, que em português poderia ser traduzido como “Por quem os sinos dobram”, apesar de o sino em inglês (*bell*) estar no singular. A canção falava dos horrores de uma guerra. Em 1993, o Bee Gees lançou uma canção chamada *For whom the bell tolls*, que tem a mesma tradução. A canção é sobre desilusão amorosa.

Algumas décadas antes, em 1940, Ernest Hemingway publicou o romance *For whom the bell tolls*, um romance sobre a Guerra Civil Espanhola que influenciou bastante, ao menos, a música do Metallica.

Muito, muito antes, em 1624, um reverendo e poeta inglês chamado John Donne escreveu, na cama em que passou dias a um passo da morte, um livro chamado, adivinha!, *Devotions upon emergent occasions*. Era uma coleção de 23 pequenas “devoções”, uma para cada dia de internação, sobre seu processo de adoecimento e cura e outras questões humanas. Na Devoção XVII, John Donne traz o seguinte trecho, originalmente: “*No man is an Iland, intire of it selfe; every man is a peece of the Continent, a part of the maine; if a Clod bee washed away by the Sea, Europe is the lesse, as well as if a Promontorie were, as well as if a Mannor of thy friends or of thine owne were; any mans death diminishes me, because I am involved in Mankinde; And therefore never send to know for whom the bell tolls; It tolls for thee.*”

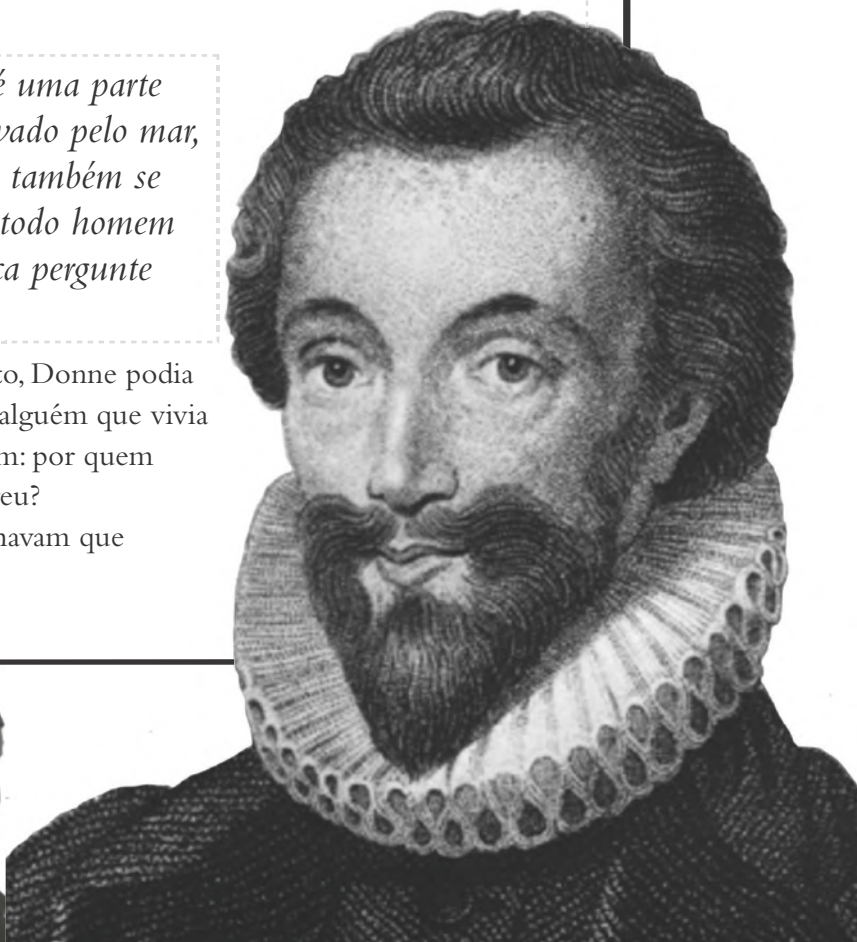
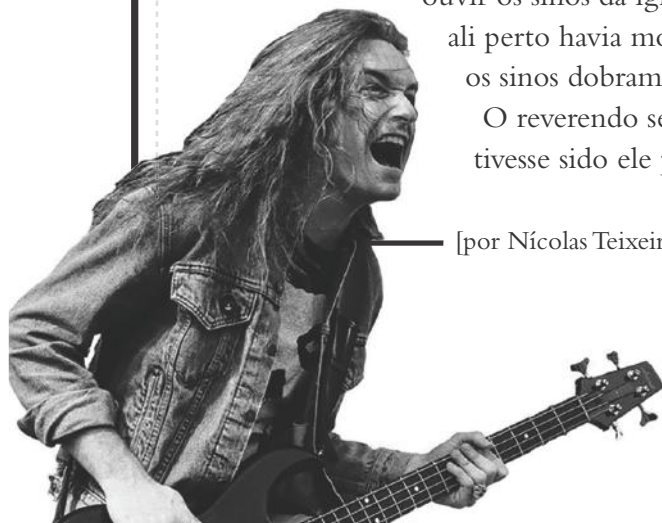
Em português, tradução livre:

“Nenhum homem é uma ilha, todo em si; todo homem é uma parte do continente, uma parte da terra; se um torrão de terra é levado pelo mar, a Europa é diminuída, tanto se fosse um promontório, como também se fosse uma casa de teus amigos ou a tua própria; a morte de todo homem me diminui, porque sou parte na humanidade; e então nunca pergunte por quem os sinos dobram; eles dobram por ti.”

E daí surgiu essa frase consagrada na cultura popular. De seu quarto, Donne podia ouvir os sinos da igreja tocando. Isso significava que alguém que vivia ali perto havia morrido, e as pessoas se perguntavam: por quem os sinos dobram? Em outras palavras, quem morreu?

O reverendo se perguntava se as pessoas não achavam que tivesse sido ele próprio.

[por Nicolás Teixeira Cabral]



Bisabuela

Ana Clara de Britto Guimarães

Allá donde vayas, haz lo que veas. Era o que sempre dizia minha bisabuela, frase adaptada de Cervantes, autor que ela sempre fazia questão de mencionar que eu nunca lera. “Também, se for pra ler, tem que ser em espanhol pra praticar, aliás, você anda lendo cada vez menos autores hispânicos, insiste em livro americano de assassinato.”

Allá donde vayas, haz lo que veas. Nem sei onde Cervantes disse isso, *Dom Quixote*? Eu conheço alguma outra obra de Cervantes? *La Dorotea*, ou *La Galatea*, não sei, essa é dele? Ou do Lope de Vega? Minha bisabuela me repreenderia por confundir obras de autores rivais, mas, pra ser justa, Lope de Vega parecia ser rival de todo mundo.

Allá donde vayas, haz lo que veas. Ela costumava dizer isso em relação aos costumes da casa dos outros. “Se eles pegam a coxa de frango e comem com a mão, faça o mesmo, se não fizer, vão te achar esnobe, mas se eles partem com a faca no prato, não se arrisque a pegar, podem te achar grosseira.” Suponho que nesses contextos seja um conselho muito bom, mas muitas vezes acabo seguindo em todo tipo de situação unicamente porque nunca sei o que deveria estar fazendo.

Allá donde vayas, haz lo que veas. Acho que é por isso que trago flores toda vez que visito o túmulo dela. É o que todo mundo faz no cemitério. Eu não entendo de flores, não sei identificá-las, não vejo muita diferença entre a maioria delas. Não sei se minha bisabuela tinha uma flor favorita, e isso é algo que me incomoda sempre que chega a visita anual ao seu túmulo. Ela devia ter uma flor favorita, senhoras sempre têm uma flor favorita e o fato de eu não saber qual era me

faz sentir que eu não a conhecia realmente. Cada ano peço um tipo de flor diferente na floricultura, na esperança de eventualmente, ao menos uma vez, acertar e levar as favoritas dela. Mantenho a lista nas notas do meu celular: 2015 rosas amarelas, 2016 crisântemos multicoloridos, 2017 orquídeas brancas e roxas, 2018 lírios rosa.

Allá donde vayas, haz lo que veas. Quero olhar ao redor, ver o que as outras pessoas fazem quando visitam túmulos e reproduzir suas ações, mas não quero invadir um momento tão pessoal e muito menos ser pega bisbilhotando. As pessoas costumam conversar com a pessoa morta, mas não acredito que ela possa me ouvir. Pego o celular para anotar as flores deste ano, mais para me ocupar do que qualquer outra coisa. 2019 astromélias vermelhas. É isso que acontece todo ano. Chego, coloco as flores no túmulo e fico parada ali em silêncio, me perguntando se fiz uma boa escolha. E se as flores forem as certas, mas a cor não? Eu devia começar a variar as combinações, repetir a flor, mas numa cor diferente.

Allá donde vayas, haz lo que veas. Um senhor passa por mim a caminho de algum túmulo e parece estar usando sua melhor camisa, mas está meio amassada. Ele leva o buquê de flores (eu não saberia te dizer quais são se minha vida dependesse disso) ao nariz e inspira longamente, um sorriso se formando em seus lábios. Pego as astromélias e faço o mesmo, esperando um momento de alegria, de conexão com a minha bisa, com a natureza, alguma coisa. Não sinto cheiro de nada e me pergunto se o problema sou eu. Quase o abordo, peço pra cheirar suas flores, ofereço as minhas para que

ele julgue se há algum aroma nelas que minhas narinas leigas não alcançam. Talvez ele me explicasse a diferença entre nossas escolhas de buquê, tivesse uma intuição sobre o mais adequado para o túmulo de minha bisabuela, me contasse que vem visitar a esposa, ou o pai, me fizesse um discurso sábio sobre a vida e a morte. Talvez começássemos uma amizade improvável digna de Sessão da Tarde e eu o visitasse toda semana pra tomar um chá vendo a novela das seis. Mas ele passa, e com ele a oportunidade, e me mantenho em silêncio onde estou.

Allá donde vayas, haz lo que veas. Uma mulher está indo na direção do estacionamento, o toc toc do seu salto alto ecoando no silêncio. Ela chegou antes de mim, mas não sei quanto tempo antes ou se me viu entrar. Penso em aproveitar a deixa e ir também, não que alguém esteja olhando ou se importe, mas parece menos solitário sair desse lugar seguindo os passos de outra pessoa. Consulto a hora no meu celular, passei quatorze minutos diante do túmulo. Mais tempo do que no ano passado. Acho que já posso ir.



O *Funeral da prostituta* narra a história de Maria, uma menina pobre que nasceu e cresceu na roça. O romance passa por diversos temas, como carência afetiva, pobreza, luta e fé, com uma envolvente trama e um final surpreendente.

O livro poderá ser adquirido nas lojas parceiras da Editora Katzen:
Magazine Luiza - Lojas Americanas -
Shoptime - Submarino



A dor da perda em *A Desumanização*, de Valter Hugo Mãe

Alexandre Cintra de Moraes

“Éramos gêmeas. Crianças espelho. Tudo em meu redor se dividiu por metade com a morte” (MÃE, 2017, p. 17). A literalidade da afirmação causa desconforto, dói. Enche-nos com o pesar da gêmea que acaba de perder sua imagem espectral à faminta Islândia, agora mais viva que a sobrevivente da tragédia, a qual, ao plantar sua primeira semente na terra pulsante, enterrou junto metade de si. Não sem enunciação, Halla, a menos morta, viu seu mundo partir-se em dois com a ida de Sigridur.

Mas nunca se está plenamente preparado às tragédias, mesmo àquelas que vêm com hora marcada. O tempo de enfermidade da irmã, curto ou longo, não se sabe, foi insuficiente para ambientar Halla de sua nova existência enquanto um ser duplo, porém incompleto. A ferocidade da morte deixou-a sem chão, apesar de sentir que aquilo que não lhe faltava era terra. Deixou-a sem ninguém, apesar de compartilhar, em sua mais vívida percepção, o leito com os vermes das profundezas islandesas.

A mudança da imagem de si toma tempo, é um evento de extremo impacto, porém não imediato. Halla só foi capaz de dar-se conta de que algo mudaria em sua própria constituição após a realidade material da morte. Mesmo assim, a subjetividade e a significação

do acontecimento ainda trariam grandes consequências por mais longo tempo; a realidade subjetiva da perda ainda ficaria latente. A aceitação do fato e a reorganização das estruturas psíquicas da menina somente viriam posteriormente.

Grande mostra disso é a metáfora entre o plantio e o sepultamento de Sigridur. Ora, não se planta se não há a intenção da colheita. A dificuldade na aceitação da morte da irmã exprime-se pela esperança em seu retorno, pela ânsia em se retirar algo da gélida terra da ilha. Mesmo que irreal, essa alternativa mostra-se como possível, se não realizável, ao menos desejável. A esperança do retorno é uma barra na qual se escorar a fim de evitar o sofrimento causado pelo rompimento do laço afetivo. Ou melhor, pelo rompimento do próprio Eu.

“A morte das crianças é assim” (MÃE, 2017, p. 17), disse sua mãe. É por meio da realidade cultural que a possibilidade, mesmo que mítica, do retorno feito desta forma torna-se pensável. A partir da síntese de conhecimentos do mundo, Halla forma-se enquanto sujeito. Sua interpretação própria do fenômeno da morte é decorrente do impacto do ambiente cultural em sua biografia. Só por isso ela se permite ancorar-se a tal esperança. O florescimento de Sigridur apenas é pensável porque é culturalmente possível.

Como uma possibilidade viável

e um objeto de desejo de Halla, ela não entende como o renascimento de sua irmã pode não ter ocorrido. É impensável sua continuação no mundo sem sua parte que jaz enterrada a apenas algumas jardas de sua casa. Nesse contexto, para ela, a única explicação possível é a existência de forças externas à sua vontade que fazem o destino desviar-se de seu curso:

Os bichos, apressados e cheios de estratégias, mastigavam a Sigridur para que se mantivesse uma semente fechada, impedindo que crescesse até ver-se acima da terra, a chegar aos nossos olhos, fazendo algum sopro no vento, espiando ela própria o mar. Devoravam-na para que a pele se mantivesse infértil, apenas secando de podre como o tubarão no barracão grande (MÃE, 2017, p. 19).

Enquanto sua irmã não germina, a gêmea menos morta colhe os frutos do desamparo. Seu sofrimento é visível à fraca luz do sol islandês, incapaz de iluminar a metade que permanece obscurecida com a recente perda que, aos olhos de Halla, é irreparável.

Tal tragédia só toma proporções homéricas devido à qualidade do vínculo nutrido pelas irmãs, que vai muito além de um laço fraterno. A própria constituição de ambas enquanto sujeito é função da relação estabelecida entre

elas durante toda a infância. É a partir desse relacionamento que Halla forma sua imagem, seu Eu. Sigridur é o reflexo pelo qual e no qual Halla se enxerga enquanto ser humano.

A analogia das crianças no espelho não poderia ser mais acurada. Durante seu processo de formação enquanto indivíduo, Halla teve sua irmã como espelho, mas foi incapaz de diferenciar sua imagem da dela. Ela não conseguiu separar o que era o Eu e o que era o Outro. Pra ela, era impossível reconhecer-se, a partir de sua irmã, como um indivíduo único. Essa impossibilidade criou, por meio de dois, apenas um ser.

As imagens refletidas fundiram-se, confundindo desejos e percepções, atos e personagens. Halla esteve sempre à margem de si mesma, sua identidade nunca foi verdadeiramente sua. Era uma vida em compartilhamento constante, os limites estiveram sempre borrados. É como se dois espelhos tivessem sido postos um em frente ao outro, gerando infinitas imagens, sem começo nem fim, sem ato ou ator. Apenas ilusões que se repetiam sem saber de onde haviam iniciado. Mas estas encontraram um fim.

Quando Sigridur morreu, um dos espelhos foi retirado, impedindo que as imagens fossem infinitamente refletidas. Com isso, a unidade do sujeito foi comprometida. O espelho de Halla agora é capaz de espelhar

a escuridão da falta do outro, ou melhor, da falta de si mesmo. O exagero da morte, como a própria menina diz, levou demasiado e deixou-a com muito pouco.

É essa história pouco usual que faz com que o processo de luto seja tão complicado à garota. Ela não tem que se recuperar apenas da morte do outro, mas da morte de si mesma. A presença de sua irmã é tão importante que Halla, quando começa a perceber que Sigridur não voltará, almeja uma cristalização de seu próprio corpo, para que permaneça igual à irmã. Sem seu espelho, é quase impossível a reconstrução de sua imagem. Halla não consegue enxergar-se de outra forma, senão igual ao que é agora. Seu reflexo já não lhe diz nada.

Tampouco a aquisição da alma da irmã a ajuda na recuperação, quiçá a prejudica. Como invoca sua mãe, Halla agora tem duas almas para salvar ao céu. Essa ligação simbólica entre as gêmeas não é suficiente para reparar os danos causados pela tragédia. Em verdade, apenas a torna mais aflita pela possibilidade de não atender às expectativas postas sobre o fantasma que agora habita seu corpo. Uma menina tão pequena não deveria carregar o peso tão grande que é o de possuir duas almas.

Talvez tivesse sido melhor atender aos desejos do pai das crianças e levar o corpo sem vida

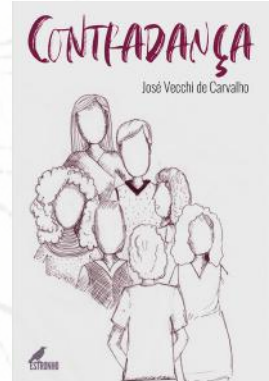
ao vulcão, deitá-lo à boca de deus. Isso garantiria a morte definitiva, o não retorno. O que é levado ao desconhecido perde a forma, deixa de ser humano. Quem sabe assim a alma de Sigridur não se fosse em definitivo, deixando de ocupar espaço no corpo da irmã para tomar o seu lugar de direito entre os mortos.

Se assim tivesse sido, Halla deixaria de sentir o que se passa ao corpo gelado em decomposição. Afinal, não se pode sentir o que não se conhece. Só um evento tão profundo quanto a morte, o desconhecido, seria capaz de quebrar um vínculo tão forte, que fazia com que a percepção de uma fosse sentida pela outra. Mas não foi assim que os eventos se deram.

A morte veio e as irmãs foram separadas; enquanto uma foi plantada, a outra permanecia à superfície, menos morta do que a primeira. Dos dois seres em homozigose, fez-se um incompleto, ansioso pela plena representação de si mesmo. Ancorado à esperança de um retorno de si próprio, viveu atado ao passado, desejoso de um novo sentimento de completude, que talvez venha no futuro. A morte é um rasgo no meio, o tempo é a linha da sutura.

REFERÊNCIAS

MÃE, V. H. A desumanização. 1.^a edição. São Paulo: Biblioteca Azul, 2017. 192 p.



Com alegria, a Editora Estronho lança o livro *Contradança*, de José Vecchi de Carvalho. Os contos são instigantes não somente pelas histórias, mas pela forma que o autor narra fatos corriqueiros para lançar luz em questões importantes do mundo contemporâneo. Leia um dos contos nessa edição.

Para adquirir um exemplar, vá à loja virtual da Editora Estronho. O livro está disponível também na Amazon (físico e ebook).

www.lojaestronho.com.br

É tanto concurso sobre os tempos da quarentena ou o pós-pandemia que a gente nem sabe qual destacar para você...

Então, para conferir todas as opções, acesse o Concursos Literários:
<https://linktr.ee/concursosliterarios>



Mindinho

José Vecchi de Carvalho

Conto integrante de Contradança (Editora Estronho, 2020)

Naquele tempo, os velórios ocorriam na casa do falecido. Não sei se era assim em todo lugar, mas naquela vila distante, quase isolada da cidade, era. Ao passar pelas ruas, ficava fácil saber se alguém tinha batido as botas: gente espremida nas janelas, nas portas e portões; e o vozerio. Se houvesse música, era festa; senão, era mesmo um funeral. Apesar de ser uma vila pobre, as casas parecidas umas com as outras e seus moradores muito simples e comuns, o morto daquele lugar se sentia um figurão, um político importante, um artista famoso e, paradoxalmente, um imortal, dada a exclusividade da cerimônia que fazia dele uma pessoa importantíssima, diferenciada. Agora, sim! A morte que parecia igualar a todos, trazia-lhe, enfim, a distinção. Os choros, os lamentos, os elogios, as rezas, as velas e as flores, tudo era para uma única pessoa. O local não era chique, não tinha o requinte dos salões nobres, mas o que importava era a exclusividade. O reencontro de velhos conhecidos que há muito não se viam, um bom negócio que porventura fosse feito, as novas e as velhas piadas, e até mesmo uma troca de olhares que despertasse os sentimentos de um novo romance, tudo, tudo era em função somente daquele defunto.

Mindinho, meu amigo de infância e adolescência, chegou ao fim da trilha e, nesse caso, no fim da trilha mesmo! Seu corpo foi encontrado num matagal acima das casas da vila onde morava, lá

no final, bem no alto, num lugar isolado, de difícil acesso. A trilha estreita e íngreme, quase toda coberta de capim, era cercada de uma mata entrelaçada de cipós que tornava o lugar ermo e sombrio. Três tiros, vários hematomas e o pau decepado, caído ao lado do corpo.

Mindinho ganhou esse apelido porque nascera em uma família de cinco filhos, e ele, o menor dos irmãos, franzino, nanico, miudinho mesmo, era alvo de toda a sorte de pilhérias, inclusive, em casa. E um vizinho muito espirituoso, amigo de um dos seus irmãos, lhe deu essa alcunha. Ele devia deixar de lado — eu insistia quando ele se irritava — e todos esqueceriam e o chamariam pelo próprio nome. Mas, como sempre reagia a essa mofa, o apelido ganhou força e se espalhou rapidamente, e ele teve que aceitar e conviver com ele pela vida toda. Lembro-me que, quando fomos para o segundo ano do antigo curso ginásial, um professor, ao vê-lo entrar na sala de aula, perguntou se não estava em sala errada. Ele se enrubescou e foi para o fim da sala, na última carteira, onde permaneceu cabisbaixo até o fim da aula. No intervalo, todos os alunos desceram as rampas para o imenso pátio. Mindinho evitou a aproximação dos colegas, saiu sorrateiramente, sumiu. Foi até o estacionamento, fez um enorme arranhão na pintura do carro do tal professor e não voltou à aula depois do intervalo. Não voltou mais ao

colégio. Com o passar do tempo, porém, foi se acostumando e até passou a adotar o apelido, chegando a se apresentar como Mindinho em vez de usar o próprio nome.

Mesmo tendo nos distanciado há muitos anos, guardávamos um tênue, mas persistente laço de amizade, o que me levava a participar do ritual de sua despedida. Passei pelo portão ouvindo cochichos e risos. Percebia que muitas pessoas me olhavam com um misto de espanto e curiosidade. Cheguei à sala, onde era impossível permanecer, de tanta gente que havia. As poucas cadeiras estavam ocupadas e as pessoas de pé iam se espremendo pelas paredes e por todo o cômodo, um cheiro forte de suor, velas e flores infestava o ambiente. Além disso, o calor e a tristeza eram insuportáveis. A mulher e o filho mais novo, prostrados ao lado do caixão, olhavam fixa e ardentemente para algum ponto do corpo pálido, imóvel e frio. Talvez olhassem para o rosto, talvez para as mãos que seguravam firmemente um terço que, até onde eu sei, devia ser pela primeira vez.

A filha estava com as duas crianças num quarto, por onde passavam muitas pessoas que iam manifestar condolências. Dentro da casa, os semblantes e as falas emaranhadas eram pesarosos: tão novo e tão bom; tinha lá seus problemas, mas era um homem de bom coração; gostava de ajudar as pessoas, não era apegado a nada;

vivia sorrindo, estava sempre de bem com a vida; sempre foi um bom pai e um bom amigo.

Ali na sala, ninguém ousava perguntar como havia sido, embora todos quisessem ouvir como foi e por quê. Mas esse assunto ficava do lado de fora da casa, em lugar afastado da família e dos parentes mais chegados, onde talvez fossem permitidos detalhes e até contornos mirabolantes.

Duas mulheres com um jeito insolente entraram na sala e ficaram de pé ao lado do corpo. Olhos vermelhos e soluços espaçados compunham um choro de atriz. O ambiente ficou tenso. A viúva, inconformada, retirou-se da sala e o filho mais novo levantou-se e sussurrou alguma coisa para as duas, que o olharam com desdém e permaneceram ali ainda por um bom tempo.

O genro, do lado de fora da casa, falava de futebol e política. E de outros assuntos que iam surgindo em sua lista de manchetes de jornal. Vez por outra, cochichava no ouvido do colega ao lado. Olhava para uma pessoa e dizia alguma coisa em voz baixa, fazendo sinais discretos com a cabeça. Em seguida, voltava ao futebol e à política. Outras pessoas se aproximavam, falavam alguma coisa e iam formar novos grupos de conversa, contando piadas, rindo e tratando de assuntos diversos. Cinquenta anos, muito novo. Já sabem quem foi? Será que foi um só? Pô, não precisavam ter cortado a pica do cara. É, mas agora

não faz diferença! Cê viu quem chegou? É muita coragem. Nessas horas aparece de tudo. Daqui a pouco chega o Alça-de-Caixaão, ele não perde uma oportunidade. Será? Isso já rendeu votos, mas, hoje em dia, acho que não cola mais. Quem é o figurão ali de roupa chique e óculos escuros? Sei não. Mindinho era muito conhecido, vem gente de todo lado. Ele trabalhou para uns bacanas. Verdade! Dizem até que andou mexendo com uma dessas patroas. Mas deve ser dessas fogosas que o maridão só fala de esportezas, sucesso nos negócios, grana, carrão, essas coisas chatas que ficam repetindo sem parar e, naquilo que é bom mesmo, nada. Além disso, o danado era pequeno, mas bem-dotado, dizem... Sei não, ele não era fácil, mas o pessoal aumenta muito. Nada, nada, ele era mesmo um garanhão. Vai ver, um desses poderosos se sentiu desonrado e mandou fechar o cara. Agora manda alguém conferir, porque eles não dão as caras, nem pensar. Não, amigo, isso é coisa de gente daqui de perto mesmo.

Na rua, passou sem pressa uma viatura da polícia. O filho mais novo saiu ao quintal, conversou com um grupo de amigos e voltou à sala. Houve um rebuliço, abrindo espaço para os mais afoitos percorrerem sobre novas conjecturas, novas linhas de investigação até todas chegarem

a lugar nenhum. Mas não havia tempo. Deram início às orações, aos hinos. Olhei para o corpo imóvel e frio, olhei para o filho caçula e me veio uma sensação ruim, como um sentimento de culpa: se não tivesse me afastado. Senti o peso do nosso distanciamento. Puxei o lenço ao sentir que meus olhos não resistiram.

As orações continuavam e, de repente, uma pausa. Pairava apenas um confuso som de uma voz grave que parecia decidir e dar ordens. Era o momento de fechar o caixaão e sair em cortejo. Os choros aumentavam, a viúva gritava em tom de desespero. Os filhos se aproximaram para tocá-lo pela última vez. O gesto foi repetido por outros parentes e pessoas mais ligadas a ele.

Lá fora, o sol brilhava e o calor era intenso. A multidão ia se movimentando, se enfileirando na rua. O suor em meu corpo parecia um cortejo de água e sal, escorria em meu rosto, descia em veios pelo peito, pelas costas e me empapava a camisa e o cóis da calça. O féretro ganhou a rua, o comércio baixou as portas até a metade. Segui no fim da fila até o portão do cemitério e, dali, voltei rapidamente ao escritório, já recomposto, já sem o peso da comoção e com o sentimento de pesar aliviado.

**LEIA UM TEXTO,
ESCUTE UM PODCAST.**

ALGUMLUCAS.COM

acontece nos livros
um canal dedicado à literatura

whisner fraga

Inscreva-se e mergulhe no universo literário.



zagreusw



acontecenoslivos



noslivos



acontecenoslivos@gmail.com



Editora Penalux
Porque livros iluminam

www.editorapenalux.com.br

originais@editorapenalux.com.br



**Apoie a reedição
da obra de
DALCÍDIO
JURANDIR**

>> www.catarse.me/jaquesedalcidio

CASA

5 anos!

• Agenciamento Literário

• Leitura Crítica de Originais

• Assessoria de Imprensa para Lançamentos de Livros

• casaprojetosliterarios.com.br

f @casaprojetosliterarios

Alejandra Pizarnik:

Texto e seleção: Lucas Silos

Tradução de Xavier Vásquez Freire

Alejandra Pizarnik foi uma poeta e tradutora argentina. Nasceu em 29 de abril de 1936, em Avellaneda, região metropolitana de Buenos Aires. Na década de 1960, morou em Paris, onde teve amizade com os escritores Octavio Paz e Julio Cortázar. Em vida, publicou seis livros. Alejandra morreu em 1972, aos 36 anos.

EXTRACCIÓN DE LA PIEDRA DE LOCURA (1968)

“Los ausentes soplan y la noche es densa. La noche tiene el color de los párpados del muerto”.

“No quiero más que un silencio para mí y las que fui, un silencio como la pequeña choza que encuentran en el bosque los niños perdidos”.

“Sin el perdón de las aguas no puedo vivir. Sin el mármol final del cielo no puedo morir”.

“Escribir es buscar en el tumulto de los quemados el hueso del brazo que corresponda al hueso de la pierna. Miserable mixtura. Yo restauro, yo reconstruyo, yo ando así de rodeada de muerte”.

“La que soñó, la que fue soñada. Paisajes prodigiosos para la infancia más fiel. A falta de eso —que no es mucho—, la voz que injuria tiene razón”.

“La tenebrosa luminosidad de los sueños ahogados. Agua dolorosa”.

“Toda la noche escucho el llamamiento de la muerte, toda la noche escucho el canto de la muerte junto al río, toda la noche escucho la voz de la muerte que me llama.

Y tantos sueños unidos, tantas posesiones, tantas inmersiones, en mis posesiones de pequeña difunta en un jardín de ruinas y de lilas. Junto al río la muerte me llama. Desoladamente desgarrada en el corazón escucho el canto de la más pura alegría”.

“Sonríe y yo soy una minúscula marioneta rosa con una paraguas celeste yo entro por su sonrisa yo hago mi casita en su lengua yo habito en la palma de su mano cierra sus dedos en polvo dorado un poco de sangre adiós oh adiós”.

“La muerte es una palabra.

La palabra es una cosa, la muerte es una cosa, es un cuerpo poético que alienta en el lugar de mi nacimiento”.

“Y el jardín de las delicias sólo existe fuera de los jardines Y la soledad es no poder decirla”.

“He querido iluminarme a la luz de mi falta de luz”.

“Y que de mí no quede más que la alegría de quien pidió entrar y le fue concedido. Es la música, es la muerte, lo que yo quise decir en noches variadas como los colores del bosque”.

“Pero a ti quiero mirarte hasta que tu rostro se aleje de mi miedo como un pájaro del borde filoso de la noche”.

“Caer como un animal herido en el lugar que iba a ser de revelaciones.”

Short cuts de beleza & transcendência

EXTRAÇÃO DA PEDRA DE LOUCURA (1968)

“Os ausentes sopram e a noite é densa. A noite tem a cor das pálpebras do morto”.

“Não quero mais que um silêncio para mim e aquelas que eu fui, um silêncio como a pequena cabana que encontram no bosque as crianças perdidas”.

“Sem o perdão das águas não posso viver. Sem o mármore final do céu não posso morrer”.

“Escrever é procurar no tumulto dos queimados o osso do braço que corresponda ao osso da perna. Miserável mistura. Eu restauro, eu reconstruo, eu ando assim de rodeada de morte”.

“Aquele que sonhou, aquela que foi sonhada. Paisagens prodigiosas para a infância mais fiel. Por causa disso — que não é muito —, a voz que calunia tem razão”.

“A tenebrosa luminosidade dos sonhos afogados. Água dolorosa”.

“Toda noite escuto o chamado da morte, toda noite escuto o canto da morte junto ao rio, toda noite escuto a voz da morte que me chama. E tantos sonhos unidos, tantas possessões, tantas imersões em minhas possessões de pequena defunta em um jardim de ruínas e de lilás. Junto ao rio a morte me chama. Desoladamente desgarrada no coração escuto o canto da mais pura alegria”.

“Sorri e eu sou uma minúscula marionete rosa com um guarda-chuva celeste eu entro por seu sorriso eu faço minha casinha em sua língua eu moro na palma de sua mão fecha seus dedos no dourado um pouco de sangue adeus oh adeus”.

“A morte é uma palavra.

A palavra é uma coisa, a morte é uma coisa, é um corpo poético que encoraja no lugar de meu nascimento”.

“E o jardim das delícias só existe fora dos jardins E a solidão é não poder dizê-la”.

“Eu quis me iluminar à luz da minha falta de luz”.

“E que de mim não fique mais do que a alegria de quem pediu para entrar e lhe foi concedido. É a música, é a morte, aquilo que eu quis dizer em noites variadas como as cores do bosque”.

“Mas eu quero te olhar até que teu rosto se afaste de meu medo como um pássaro da borda afiada da noite”.

“Cair como um animal ferido no lugar que seria de revelações.”

* * *

UN SUEÑO DONDE EL SILENCIO ES DE ORO

El perro del invierno dentellea mi sonrisa. Fue en el puente. Yo estaba desnuda y llevaba un sombrero con flores y arrastraba mi cadáver también desnudo y con un sombrero de hojas secas. He tenido muchos amores –dije– pero el más hermoso fue mi amor por los espejos.

UM SONHO ONDE O SILÊNCIO É DE OURO

O cachorro do inverno morde meu sorriso. Foi na ponte. Eu estava nua e usava um chapéu com flores e arrastava meu cadáver também nu e com um chapéu de folhas secas. Eu já tive muitos amores — eu disse — mas o mais bonito foi meu amor pelos espelhos.

* * *

SIGNOS

Todo hace el amor con el silencio.

Me habían prometido un silencio como un fuego, una casa de silencio.

De pronto el templo es un circo y la luz un tambor.

SIGNOS

Tudo faz o amor com o silêncio.

Tinham me prometido um silêncio como um fogo, uma casa de silêncio.

De repente o templo é um circo e a luz um tambor.

* * *

“Los perros son como la muerte: quieren huesos. Los perros comen huesos. En cuanto a la muerte, sin duda se entretiene tallándolos en forma de lapiceras, cucharitas, de cortapapeles, de tenedores, de ceniceros. Sí, la muerte talla huesos en tanto el silencio es de oro y la palabra de plata. Sí, lo malo de la vida es que no es lo que creemos pero tampoco lo contrario”.

“Os cachorros são como a morte: querem ossos. Os cachorros comem ossos. Quanto à morte, sem dúvida, se entretém talhando-os em forma de esferográficas, colherzinhas, de corta-papéis, de garfos, de cinzeiros. Sim, a morte talha ossos tanto quanto o silêncio é de ouro e a palavra é de prata. Sim, o ruim da vida é que não é aquilo que cremos, mas tampouco o contrário”.

* * *

Poemas no recogidos en libros

NAUFRAGIO INCONCLUSO

Este temporal a destiempo, estas rejas en las niñas de mis ojos, esta pequeña historia de amor que se cierra como un abanico que abierto mostraba a la bella alucinada: la más desnuda del bosque en el silencio musical de los abrazos.

* * *

“abrazando a tu sombra en un sueño
mis huesos se arqueaban como flores”

Poemas não recolhidos em livros

NAUFRÁGIO INCONCLUSO

“Este temporal a destempo, estas grades nas meninas dos meus olhos, esta pequena história de amor que se fecha como um leque que aberto mostrava a bela alucinada: a mais nua do bosque no silêncio musical dos abraços”.

* * *

“abraçando tua sombra num sonho
meus ossos se arquejavam como flores”

“Sus ojos eran la entrada del templo, para mí, que soy errante, que amo y muero.Y hubiese cantado hasta hacerme una con la noche, hasta deshacerme desnuda en la entrada del tiempo”.

“algo en mí no se abandona a la cascada de cenizas que me arrasa dentro de mí con ella que es yo, conmigo que soy ella y que soy yo, indeciblementedistinta de ella”.

“Estaba abrazada al suelo, diciendo un nombre. Creí que me habíamuerto y que la muerte era decir un nombre sin cesar”.

“En la cima de la alegría he declarado acerca de una música jamás oída. ¿Y qué? Ojalá pudiera vivir solamente en éxtasis, haciendo el cuerpo del poema con mi cuerpo, rescatando cada frase con mis días y mis semanas, infundiéndole al poema mi soplo a medida que cada letra de cada palabra haya sido sacrificada en las ceremonias del vivir”.

“Paso desnuda con un cirio en la mano, castillo frío,jardín de las delicias. La soledad no es estar parada en el muelle, a la madrugada, mirando el agua con avidez. La soledad es no poder decirla por no poder circundarla por no poder darle un rostro por no poder hacerla sinónimo de un paisaje. La soledad sería esta melodía rota de mis frases”.

“Hacer el amor adentro de nuestro abrazo significó una luz negra: la oscuridad se puso a brillar. Era la luz reencontrada, doblemente apagada pero de algún modo más viva que mil soles. El color del mausoleo infantil, el mortuorio color de los detenidos deseos se abrió en la salvaje habitación. El ritmo de los cuerpos ocultaba el vuelo de los cuervos. El ritmo de los cuerpos cavaba un espacio de luz adentro de la luz”.

“La luz del lenguaje me cubre como una música, imagen mordida por los perros del desconsuelo, y el invierno sube por mí como la enamorada del muro. Cuando espero dejar de esperar, sucede tu caída dentro de mí.Ya no soy más que un adentro”.

“Un café lleno de sillas vacías, iluminado hasta la exasperación, la noche en forma de ausencia, el cielo como de una materia deteriorada, gotas de agua en una ventana, pasa alguien que no vi nunca, que no veré jamás...”

O INFERNO MUSICAL (1971)

“Seus olhos eram a entrada do templo, para mim, que sou errante, que amo e morro. E eu teria cantado até me fundir com a noite, até me desfazer nua na entrada do tempo”.

“algo em mim não se abandona à cascata de cinzas que me arrasa dentro de mim com ela que é eu, comigo que sou ela e que sou eu, indizivelmente diferente dela”.

“Estava abraçada ao chão, dizendo um nome. Acreditei que eu tinha morrido e que a morte era dizer um nome sem cessar”.

“No cume da alegria eu declarei sobre uma música jamais ouvida. E então? Oxalá pudesse viver somente em êxtase, fazendo o corpo do poema com meu corpo, resgatando cada frase com meus dias e minhas semanas, introduzindo no poema meu sopro à medida que cada letra de cada palavra tenha sido sacrificada nas cerimônias do viver”.

“Vou nua com um círio na mão, castelo frio, jardim das delícias. A solidão não é ficar parada no cais, de madrugada, olhando a água com avidez. A solidão é não poder dizê-la por não poder circundá-la por não poder lhe dar um rosto por não poder fazê-la sinônimo de uma paisagem. A solidão seria esta melodia rasgada de minhas frases”.

“Fazer o amor dentro do nosso abraço significou uma luz negra: a escuridão se pôs a brilhar. Era a luz reencontrada, duplamente apagada, mas de algum modo mais viva que mil sóis. A cor do mausoléu infantil, a mortuária cor dos detidos desejos se abriu no selvagem quarto. O ritmo dos corpos ocultava o voo dos corvos. O ritmo dos corpos cavava um espaço de luz dentro da luz”.

“A luz da linguagem me cobre como uma música, imagem mordida pelos cachorros do desconsolo, e o inverno sobe por mim como a apaixonada do muro. Quando espero deixar de esperar, acontece tua queda dentro de mim. Já não sou mais que um adentro”.

“Um café cheio de cadeiras vazias, iluminado até a exasperação, a noite em forma de ausência, o céu como de uma matéria deteriorada, gotas de água em uma janela, passa alguém que nunca vi, que não verei jamais...”

* * *

“El amor es este viaje inútil, pero muy suave,
al otro lado del espejo.

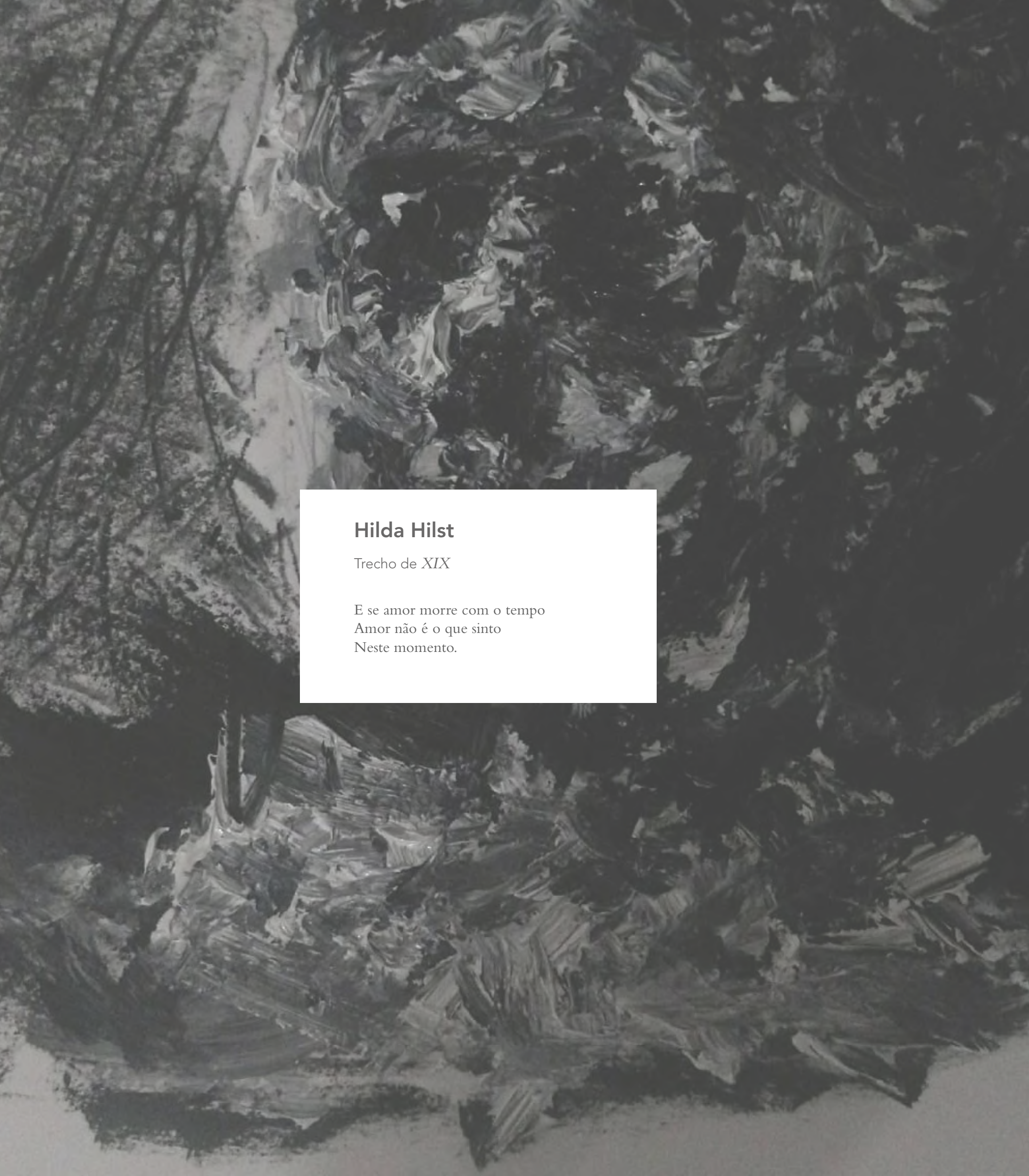
Tantas criaturas en mi sed y en mi vaso vacío”.

* * *

“O amor é esta viagem inútil, mas muito suave,
no outro lado do espelho.

Tantas criaturas em minha sede e em meu copo vazio”.

Referência:
PIZARNIK, Alejandra. *Poesía* (1955–1972). Ed. Lumen, Barcelona, 2014, 9ª edição.



Hilda Hilst

Trecho de *XIX*

E se amor morre com o tempo
Amor não é o que sinto
Neste momento.